

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS LICENCIATURA

AROLDO FERNANDES

**Ê BOI! Ê BOI: UM ESTUDO SOBRE O BUMBA MEU BOI ÁGUIA, MACEIÓ,
ALAGOAS.**

Maceió-AL
2016

AROLDO FERNANDES

**Ê BOI! Ê BOI: UM ESTUDO SOBRE O BUMBA MEU BOI ÁGUIA, MACEIÓ,
ALAGOAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Ciências Sociais – Licenciatura, pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal Alagoas – UFAL.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Rechenberg.

AROLDO FERNANDES

Ê BOI! Ê BOI: UM ESTUDO SOBRE O BOI ÁGUIA, MACEIÓ, ALAGOAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Ciências Sociais – Licenciatura, pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal Alagoas – UFAL.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Rechenberg.

Aprovado em ____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Fernanda Rechenberg – ICS/UFAL
(Orientadora)

Prof. Dr. Bruno César Cavalcanti – ICS/UFAL

Prof.^a Dra. Sílvia Martins-ICS/UFAL

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família, a Fernanda Rechenberg, minha orientadora, que sempre me ouvia com paciência durante a produção desse sonho.

Ao professor Bruno César e Sílvia Martins por aceitar o convite para participar da banca de defesa deste trabalho.

Aos poucos amigos que cativei durante a graduação: Edva Matos, Emerson de Araújo, Suana Csehes, Cristiane Caetano, Vanise Costa, Solange Clarindo e, não poderia esquecer, Cristiane Cyrino e Jucemar Pacheco da biblioteca do Museu Théo Brandão, por terem sido muito prestativas e atenciosas comigo sempre que precisei. Também não poderia esquecer aqueles que contribuíram na minha pesquisa de campo, como: Fernando, Emerson, Henrique e Zé do Boi, e todos que compõem a família do Grupo Águia na realização desse sonho.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a cultura do boi de carnaval, conhecido entre os brincantes como “bumba meu boi”, e as mudanças existentes nesse universo desde o surgimento até os dias atuais. Para isso, foi escolhido o Boi Águia como objeto de pesquisa. Além do embasamento teórico, o trabalho contou, entre outras fontes, com informações adquiridas através dos diretores do grupo durante as reuniões, a construção do boi, os ensaios e até o concurso, num período que correspondeu de janeiro a abril do ano de 2014, acompanhando também as mudanças que esse personagem secular provoca na vida dos envolvidos.

Palavras-Chave: Bumba meu boi. Boi Águia.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the “Boi de Carnaval” culture, known as “Bumba meu boi” and existing in this universe changes since the emergence to the present day. For this, the “Boi Águia” was chosen as a research object. In addition to the theoretical foundation, the work was, among other sources, with information acquired through the group's directors during the meetings, the construction of the ox and to the procedure, a period corresponding January-April 2014, also following the changes this secular character causes in the lives of those involved.

Keywords: Bumba meu boi. Boi Águia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fachada do Núcleo Cultural Zona Azul.....	23
Figura 2: Sala do grupo Águia.....	25
Figura 3: Ensaio do grupo Águia.....	28
Figura 4: Mestre Henrique da bateria.....	28
Figura 5: Rian Handerson	29
Figura 6: Buzunga e Glaydson.....	34
Figura 7 : O pesquisador participando das atividades.....	37
Figura 8: Boi Águia.....	38
Figura 9: Imagem interna do núcleo.....	39
Figura 10: Paulo André, fundador do núcleo.....	43
Figura 11: Reunião da Liga de bois.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O OLHAR DOS FOLCLORISTAS	10
2.1 O Bumba meu boi em Maceió	15
2.2 O Registro do Bumba meu boi em Alagoas	17
3 O BOI ÁGUIA E SEU CONTEXTO ESPACIAL E SOCIAL	22
3.1 O Criação do boi Águia	27
3.2 A sede do boi Águia	31
3.3 O Núcleo Cultural Zona Sul	38
3.4 O Bairro	43
4 O BOI EM CENA: ORGANIZAÇÃO DA LIGA E O CONCURSO DE BOI	48
4.1 O Concurso	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

A zona sul da capital de Maceió é um celeiro de manifestações culturais. Neste sentido, a cultura do Bumba meu boi na figura do Boi Águia foi escolhida em decorrência das mudanças externas que vem ocorrendo nas últimas décadas quando comparada com os elementos que compõem a história oral. Percebe-se toda diferença em relação à estrutura em torno do concurso como, por exemplo, perda de personagens, mudanças no figurino e padronização na figura do boi.

Essas variantes são responsáveis pelas alterações que dividiram o caminho dessa cultura, a partir de uma amostra de bois organizada pelo radialista Luiz de Barros na década de 1990 próximo a sua residência e posteriormente na Praça Multieventos, na praia de Pajuçara. Considerado pelos participantes que organizam esse evento como o primeiro concurso. Nos dias atuais, esse folguedo ganhou forma com a mudança contando com apoio financeiro, introdução de coreografias, carros alegóricos, temas, figurinos caros e indumentárias produzidas cada vez mais com brilho em torno do Boi. O concurso segue o exemplo das escolas de samba carioca, pois eles escolhem um grupo de jurados que ficam no encargo de avaliarem vários critérios como evolução do vaqueiro, bateria, beleza do boi entre outros.

A única coisa ainda intacta durante a produção que faz menção às palavras do Frei Carapuceiro 1840 (apud CASCUDO, 1956) é o fato do festejo ainda ser praticado e construído por pessoas simples dos bairros populares. Estes grupos se ajudam mutuamente dividindo as atividades até a realização do tão almejado concurso. No intuito de promover um belo espetáculo com o objetivo de conquistar o reconhecimento do público, percebe-se, implicitamente, um trabalho voltado para políticas públicas dentro do ambiente que vivem, a partir do momento em que eles estão engajados na construção do Boi. Há um trabalho de cidadania quando, nesse processo, os componentes se ajudam coletivamente, promovendo respeito, união, responsabilidade, Além de escolherem, mesmo por algum momento, estarem longe dos grupos de risco, enquanto estão envolvidos nesse projeto, merecendo um novo olhar para tais comunidades.

Dessa forma, o presente trabalho busca mostrar o trabalho dos colaboradores dessa cultura no bairro do Vergel. O primeiro capítulo refere-se às origens e à

representação do Boi no Nordeste, sua importância para o desenvolvimento na região durante o ciclo do gado; não esquecendo os elementos, fruto da miscigenação, que não ausentaram o estado de suas influências a partir dos primeiros registros do folguedo e equívocos em relação ao Bumba meu boi.

O segundo capítulo trata de minha ida a campo em busca de respostas sobre meu objeto o Boi Águia. O lugar onde a sede está localizada, como sobrevivem, qual a sua trajetória na cultura local, como eles reagem ao novo estilo de apresentação, as indumentárias, cenário, os idealizadores, a construção desse universo rumo a uma visibilidade no concurso. O bairro foi abordado, também, como espaço contribuinte para entender a situação real dos moradores do Vergel.

O terceiro capítulo aborda num primeiro momento a liga dos bois que mostra essa realidade comunitária dos bairros populares. Suas informações, de extrema importância, contribuíram para o enriquecimento desse trabalho.

Num segundo momento apresento o concurso com suas transformações e dilemas entre os participantes, em especial o boi Águia. Sendo um dos momentos primordiais para o encerramento da proposta deste trabalho.

2 O OLHAR DOS FOLCLORISTAS

Maceió possui um vasto acervo de manifestações culturais. Essas expressões regionais tornaram-se mais evidenciadas no final da década de 1940 por um grupo de intelectuais que se propôs a fazer uma pesquisa referente aos folguedos populares, conhecida como Comissão Nacional de Folclore (CNF). Entre os convocados para a realização desse ofício no Estado estavam: Abelardo Duarte, José Maria de Melo, Manuel Diégues Júnior, Luiz Lavenère, Félix Lima Júnior, José Aloísio Vilela e Théo Brandão; este último sobressaiu aos demais como uma das referências no estudo da cultura popular nas mais diferentes áreas como na música, dança literatura oral e medicina popular.

Théo Brandão (1907-1981), médico, etnógrafo, folclorista, antropólogo, professor e escritor, foi um dos fundadores e organizadores da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1958). Sua contribuição fez Alagoas ser reconhecida como um dos primeiros estados a estabelecer uma comissão estadual, a Comissão Alagoana de Folclore, em 1948, e também por ter sediado, em 1952, a IV Semana Nacional do Folclore. A década de 1950 foi um período de grande produção nesse campo, para a preservação e divulgação entre os povos para entender as diferenças culturais existentes no país. Esse grupo era conhecido como “Movimento Folclórico Brasileiro”, cujos membros reunidos eram: Cecília Meireles, Câmara Cascudo, Manuel Diégues Júnior, Renato Almeida, entre outros.

A Comissão Nacional do Folclore (CNF) tinha como propósito, exaltar a valorização da cultura popular e conservar a herança cultural que existia no país. Sendo assim, o foco dessas pesquisas eram os folguedos, como afirma Cecília Londres:

Os folguedos expressavam a cultura popular como um todo integrado, inseparável da vida cotidiana. Eram o folclore em ação, aberto e contraditório, ligado ao passado e continuamente adaptado ao presente; privilegiado para captar a originalidade do processo de formação da cultura brasileira e seu movimento (LONDRES, 2001, p 04).

Dessa forma, Theotônio Vilela Brandão (1973), usando dos seus conhecimentos, realizou um levantamento dos folguedos distribuídos pelos

municípios alagoanos – uma relação dividida e organizada para promover o conhecimento da cultura local (BRANDÃO, 1973). Em meio a tantos grupos nesse campo fértil, merece destaque o do Bumba meu boi. Na busca de fonte histórica, nos primeiros levantamentos de sua origem, foi possível identificar que este auto¹, segundo Câmara Cascudo (1962) defende, é composto por personagens de origem pastoril, como no ciclo dos vaqueiros, unido aos elementos mitológicos e religiosos que são fruto dos elementos colonizadores do Nordeste e remetem à construção da nossa etnia. De acordo com o Dicionário do Folclore Brasileiro de Luís Câmara Cascudo, o Bumba meu boi é:

Um auto de excepcional plasticidade e o de mais intensa penetração afetuosa e social. Foi o primeiro a conquistar a simpatia dos indígenas que o representam, preferencialmente, como os timbiras do Maranhão e é difundido pelo sul através da memória fiel dos nordestinos emigrados. O negro está nos Congos, o português no Fandango ou Marujada. O mestiço, crioulo, mameluco, dançando, cantando vivendo, está no Bumbameuboi, o primeiro auto nacional na legitimidade temática o lírico e no poder assimilador, constante e poderoso (CASCUDO, 1962, p.143).

Câmara Cascudo defende que não há, em terras portuguesas, nada parecido com o auto brasileiro, nem em outros países. Ele afirma que há por lá “tourinhas” e touradas de novilhas ou de fingimento:

Na primeira toureavam animais mansos sem maiores exigências de coragem ágil. As de fingimento, muito populares, constavam de um arcabouço de canastras de vime cobertas de pano, com a cabeçorra do boi ameaçante fingendo-se atacar, os dois rapazes eram perseguidos com rumor de alegria e algazarra coletiva. Pertence ao Minho, uma das maiores fontes de emigração histórica para o Brasil. Provinha a “tourinha” possivelmente de um perdido entremez vilarengo, resistindo nas zonas da pastorícia. Não havia cantiga nem coreografia regular. Não encontrei a “tourinha” no Brasil, mas o motivo emigrou a idéia de fazer o boi dançar e cornar de brincadeira os falsos toleiros e uma assistência folgazã. Como os foreiros, embora tivéssemos touradas no Brasil, não medrassem pelo sertão, substituíram-nos os vaqueiros negros ou caboclos, numa herança natural para o espírito ambiente. Quem cuida ou toma conta do “boi” não é toureiro é vaqueiro (CASCUDO, 1956, p. 50).

De acordo com essa citação, no Brasil esta representação foi transformada num personagem que, nas últimas décadas, vem apresentando

¹ Forma teatral de enredo popular, com bailados e cantos, tratando de assuntos religiosos ou profanos, representado no ciclo das festas do natal (dezembro-janeiro). Lapinhas, pastoris, Fandangos ou Marujadas, Chegança ou Chegança de mouros, bumba-meu-boi, boi, boi Calemba, boi de Reis, ou Congos, etc. (Cascudo, 1962, p.76).

grande popularidade de adeptos e brincantes. Abelardo Duarte (1973), pesquisador da cultura local; defende que tal manifesto popular tenha suas raízes em Portugal:

Foram e não há de negar, uma herança avoenga das Janeiras portuguesas, cortejos com que se celebrava ou festejava a entrada do ano novo, propiciatório de novas venturas, alegrias e fartas messes. E de outros costumes também adotados na catequese jesuítica (2010, p.233).

Em sua obra *O Folclore Negro das Alagoas* (2010), enfatiza a contribuição do teatro vicentino no século XVI, que através de suas peças profanas fazia críticas sociais com o intuito de promover os primeiros entretenimentos na colônia, além de fazer desse estudo um dos mais destacados sobre a cultura negra no estado.

Sua pesquisa destaca que os engenhos tiveram muita importância na construção da identidade nordestina – especificamente na capital. Não se pode estudar o folclore local separado desse contexto, pois existiria uma lacuna histórica. Então, esse traçado histórico que os une oferece um rico e produtivo material sobre o folclore alagoano. Riquezas culturais características da sociedade canavieira que compõem o nosso estado, no caso das danças populares, como os folguedos e reisados típicos da região rural do açúcar – são heranças próprias dos nativos que se expandiram para o meio urbano, promovidas pelos negros nas noites de festas existentes na época, como a “botada” (que se referia ao início da plantação) e a “peja” (o fim).

Durante a “botada”, existiam senhores de engenho que festejavam esse momento com a libertação de um escravo, como mostra o Diário de Alagoas nº 254, de 10 de novembro de 1882, onde foi divulgado um documento vindo do Município de Capela, com a informação sobre o dia da botada, em que o capitão José Francisco de Almeida, senhor do engenho Monte Verde e sua esposa “concederam liberdade sem condição alguma a um dos seus escravos de nome Luiz, pardo, solteiro, de 30 anos de idade” (DUARTE, 2010, p.296).

O fim dos trabalhos de moagem da cana, era sempre comemorado com muita cantoria. As canções foram guardadas e lembradas através do folclore presente nos versos cantados ao final das atividades nos engenhos, segundo

Duarte (2010, p. 296) “acabou-se a cana acabou-se o mé (**sic**) até para o ano se Deus quize (**sic**)”.

Essas informações explicam a relação que a cultura popular tem com os engenhos que receberam os primeiros escravos de origem bantu durante o povoamento de Alagoas, no engenho de Cristóvão Lins no vale do Mundaú. O negro se fez presente nas lavouras utilizando o carro-de-boi e em outras atividades. Só ele apresentou resistências físicas para executar determinadas funções. Então, vale dizer que a fusão cultural proporcionou ao negro uma adaptação cultural e, com isto, trouxe a ideia de que não há um folguedo genuinamente negro uma vez que:

Recebemos, na fase mesmo de início, colonial, não apenas portugueses, mais também espanhóis, italianos, franceses, holandeses, ingleses, africanos. É claro que esses elementos, especialmente os de origem ibérica, já bastante caldeados, teriam de influir sobre a nossa formação antropológica num sentido integral não apenas físico (DUARTE, 2010, p.235).

A partir daí, podem ser destacados alguns precursores dos estudos sobre o contato no Brasil, como Arthur Ramos, discípulo de Nina Rodrigues, que levantou os primeiros estudos sobre aculturação. Sendo assim, ele recorre à autonomia de seu mestre que, por sua vez, identificava na religião católica um politeísmo disfarçado. Nessas considerações, ele não se limitou à abordagem da fusão religiosa, mas em outras vertentes culturais, como: linguagem, dança, música, festas populares e manifestações que, aos poucos, foram construídos e também traçando uma identidade cultural brasileira própria no Nordeste, que foi modificando sua forma e adotando novos ritmos transmitidos por um povo que, em meio a tantas contribuições, também construiu a dança dos folguedos populares.

A sociedade brasileira passou por muitas mudanças no século XX que contribuíram para tornar a figura do negro uma das preocupações nacionais. Euclides da Cunha e Sílvio Romero (apud ORTIZ, 2010) observavam a mestiçagem como uma realidade nacional. A partir do movimento abolicionista – e, sequencialmente, o fim da escravidão – ocorreu um grande avanço social e cultural. O negro participou não só na construção étnica do país, mesmo resumida à condição servil, mas deixou sua contribuição em nossa região, na

recuperação dos seus valores culturais e, além de driblar as imposições sofridas, conseguiu fazer sobreviverem seus costumes até hoje. É o que Abelardo Duarte vai chamar de “reintegração dos padrões ou estilos de vida originais” (DUARTE, 2010, p.31).

Arthur Ramos, ao estudar a aculturação negra no Brasil, diz que:

Quando o indivíduo é separado de seu grupo de cultura e posto em contato com outros grupos, ele tende a esquecer as culturas primitivas e assimilar as novas em cujas presença se acha. De outro lado ele traz também o seu contingente aos novos grupos com que se pôs em contato. É o fenômeno geral de dar e tomar, síntese de processo aculturativo (apud DUARTE, 2010, p.32).

Aqui, o Quilombo dos Palmares é um exemplo, pois foi o símbolo de sobrevivência e resistência mais famoso do país. “As sobrevivências são vozes que falam pelas gerações novas de uma existência anterior, de modos ou estilo de vida, de hábitos, crenças, tabus, etc.; do passado” (DUARTE, 2010, p.33).

O pesquisador Abelardo Duarte (2010) acompanhou algumas dessas manifestações culturais, mesmo alteradas em sua composição, tais como: festas natalinas, ano novo, reis, canções, coco e folguedos dos Bois que, de acordo com a região e a presença da diversidade folclórica, variam dentro do Estado ou fora dele. Quem fala com propriedade, quando conceitua “folclore e Região”, é o professor Manuel Diégues Júnior:

Se é certo que nem tudo que é regional é folclórico, não padece dúvida, porém, que o folclórico deve ser regional. Isto é deve ter uma base de região; ou ambiente territorial em que se manifesta o fato, onde ele é colhido e encontrado os aspectos peculiares que ele recebe. O que por outro lado não tira o caráter universal do folclore, quer dizer, a universalidade de manifestações folclóricas, a existência em quase todos os povos de ideias, crenças, fatos que se incluem no folclore (DIEGUES apud DUARTE, 2010, p.34-35).

Nessa ótica, é possível compreender a diferença nas apresentações folclóricas em todo país. Como exemplos, temos: o Bumba meu boi do nordeste, que se diferencia em relação ao do sul e ao do Belém do Pará; o coco de roda de Maceió, que não é igual ao do Ceará; e assim sucessivamente para as outras manifestações que percorrem o nordeste.

2.1 O Bumba meu boi em Maceió

Em Maceió, a figura mestiça serviu de base para a mão-de-obra, nesse cenário, era transmitida oralmente a cultura popular, que direcionou seu próprio caminho e resistiu ao tempo, por suas origens virem de pessoas do povo, o que demonstrou que a manifestação popular na figura do Boi, particularmente, não precisava e nem se preocupava com espaço ou tempo; ela era mostrada nas ruas, nas praças do interior ou da cidade. O Bumba meu boi, mesmo alterado em relação às datas de apresentação que antes eram nos festejos juninos ou nas festas natalinas, tem as influências do Reisado, já que o boi era incluído no período do Natal – época de estiagem. Como afirmou Diégues Júnior no livro *Folgedos Natalinos*, “A sua história é a história da cana-de-açúcar, os folgedos natalinos, as danças, os autos saíram dos engenhos ou se iniciaram nos engenhos [...]” (DIEGUES apud BRANDÃO, 2003, p. 18).

No estudo do Bumba meu boi, não se sabe uma resposta contundente quando se busca saber as origens desse auto, conhecido também como folgado – eram assim chamados “sejam Bumbas, Reisados, Pastoris, Cheganças, Guerreiros, Quilombos, Cavalhadas, Taieiras, Caboclinhos ou Baianas” (DUARTE, 2010, p.233).

Arthur Ramos, num trabalho intitulado *Folclore Negro do Brasil* (1954), apresenta a ideia de não limitar a imagem do Boi aos festejos natalinos. Em seu argumento, Arthur Ramos justifica a ideia que o Boi ultrapassa esse período, quando diz que “de outro lado, o Boi é uma figura obrigatória dos velhos autos populares de origem europeia e a sua origem é recuada, perdendo-se na noite densa da história e da lenda” (RAMOS, 1954, p. 95).

Este autor, natural de Pilar, defende a resistência egípcia do Boi Apis como explicação mais convincente. Um fato relevante entre ele e Câmara Cascudo é que o objeto de estudo em questão é uma versão do Monólogo do Vaqueiro:

Gil Vicente fez representar em Portugal, a 8 de junho de 1502, nos paços do Castelo de D. Maria, para festejar o nascimento do príncipe D. João. Gil Vicente aproveitou-se do motivo mítico do touro, símbolo zodiacal, que festeja o começo do ano solar, e o poder fecundante do sol. Estas festas solares do ciclo das janeiras chamam-se na península

festas do Aguinaldo, isto é, Boi-nascido, Agui-naldo (Agnus natus). O Monólogo do Vaqueiro foi uma estilização das danças do Aguinaldo, e Gil Vicente quis assim comparar o príncipe recém-nascido ao menino Deus transformando a câmara da rainha em presepe (RAMOS, 1954, p.95-96).

Outro autor citado por Arthur Ramos é Artur Azevedo, que argumenta a origem do Boi:

Lembra a mascarada parisiense do Boeuf-Gras restabelecido na França por Bonaparte acrescentando que até o século XVIII o boi fazia sua passeata anual pelas ruas de Paris, indo o cortejo dançar e cantar às portas das casas, como fazem hoje os nossos ranchos. (AZEVEDO apud RAMOS, 1954, p.96).

A existência de tantas teorias em relação ao Boi leva a crer que o encontro cultural proporcionou ao mestiço uma adaptação dessas influências, uma vez que levanta argumentos de que não há um folguedo genuinamente negro:

Transportados para o Brasil, os negros encontraram aqui, de um lado os brinquedos de origem peninsular do ciclo do ciclo das Janeiras-pastoris e outros autos de Natal e Reis- de outro lado, festas populares de origem ameríndia, confrarias religiosas e outras instituições, onde eles se acomodaram com sobrevivente das suas organizações totêmicas. Resultou de tudo isso um amálgama curioso, que caracteriza as festas populares brasileiras do ciclo de Natal. (RAMOS, 1954 p.69).

Estas festas eram vistas como manifestações uma cultura pagã que resistiu ao tempo e, hoje, é abordada em todo o nordeste brasileiro, inclusive em Maceió, mesmo variando suas versões através de misturas em torno do Boi, encantava, e arrastava centenas de curiosos, e teve suas primeiras apresentações do Natal ao dia de Reis num grito de abertura “Ê boi! Ê boi! ”. O Mateus conduzia a apresentação e, de acordo com cada região, esses personagens se envolveram com outros tipos de festejos do mesmo período, o que resultou num aumento de personagens que tinham como figura central o Boi, descrito por Arthur Ramos como:

O Boi, arcabouço de madeira, coberto de chita vermelha representando o corpo do boi e a respectiva cabeça com os chifres; essa armação é carregada por um indivíduo que lhe fica por baixo, oculto, o Mateus, vestido de vaqueiro e armado de uma vara com ferrão para vaquejar o boi; o Rei e o Secretário de Sala trazendo capas e calções, capacetes dourados e espadas; e mais o Doutor, a Catarina, o Padre, o Vaqueiro e outras figuras secundárias. (RAMOS, 1954, p.97).

Théo Brandão (1973) concorda com Câmara Cascudo (1956) ao defender a peculiaridade dessa cultura em terras brasileiras. Sendo assim, ele apresentou um quadro de classificação em cinco gêneros de manifestações populares, no qual está incluso o Bumba meu boi, cujo nome se diversifica nas outras regiões, como:

Boi-bumbá na Amazonas, Bumbameuboi, Reisado cearense, Boi, Boi de Reis, Reis, Boi Surubi no Ceará, Boi Kalemba ou Calumba, Reis de Boi, Bumbameuboi no Rio Grande do Norte, Bumbameuboi, Boi, Boi duro, Burrinha, Mulinha de ouro na Bahia, Boi de Reis no Espírito Santo, Bumbameuboi e Reis de Boi no Estado do Rio e Distrito Federal, boi de Mamão no Pará e Santa Catarina, Bumbameuboi, Boi-bumbá e Boizinho no rio Grande do Sul (BRANDÃO, 1962, p.6).

No entanto, o próprio folclorista não afirma que a criação do Bumba meu boi seja uma exclusividade brasileira – em todos os seus elementos – já que muitos dos seus personagens são encontrados em vários países pelo mundo:

O próprio Boi, dançando, desfilando, morrendo, etc.; em natureza ou em armação, sozinho ou acompanhado de outros bichos e comparsas não é peculiar ao Brasil mais existe em Portugal nas Tourinhas e Touros de Canastra, na Espanha com a Vaca Tora, Vaca Romera, La Vaca, La Barrosa, Jarampla, Vaquilla, Lá Morena etc.; em Nicarágua com o Touro Guaque; no México com a Danza de losToreadores, danzadelTorito de Petate (que se acompanhada de cavalinhos fuscros,Diabo, Morte e Índio); no Equador com a Vaca Loca; no Novo México com o Touro dos Matachines e, sobretudo, no Paraguai, com o Toro Candiu, que se acompanhada de Mateus, bichos e entremeios, como nos nossos Bumbas e Reisados (BRANDÃO, 1962, p. 10-11).

2.2 O Registro do Bumba meu boi em Alagoas

No Brasil, esta representação foi transformada em personagens que, a partir dos anos 70, vêm apresentando grande número de adeptos e brincantes. Os Bois das procissões e touradas fingidas de Portugal, como afirma Cascudo (1962), tornaram-se personagens principais de um folguedo dramático. Assim, durante a brincadeira, ao avançar sobre o povo e o vaqueiro que luta para dominar o bicho, o Boi seria aquilo que o autor chama de “touradas fingidas”. Esta interpretação seria brasileira, aceita por Cascudo (1956), que não encontrou semelhanças vindas das Américas durante seus levantamentos.

Contudo, não se pode negar que, durante a colonização em outros países, não haja sobrevivência de suas vastas manifestações que nos tenha influenciado, dizendo, assim, que somos não apenas fruto das três raças, como também culturais.

O Bumba meu boi, durante sua apresentação, era o personagem principal, mesmo que tenha sido alterado tanto na sua estrutura estética, quanto na sua história, já que seu enredo se desenvolvia em torno de um rico fazendeiro que tem preferência por um determinado Boi. Este, porém, é roubado por Francisco, com o intuito de satisfazer o desejo de sua esposa Catrina de comer a língua do animal. Ao sentir a falta do animal de sua estima, o fazendeiro convoca um mutirão em sua busca. Ao encontrá-lo morto, ele manda chamar o curandeiro e o padre para ressuscitar o Boi. Mesmo quando ele descobre o real motivo que levou o Boi a este destino, ele perdoa Chico e Catrina, comemorando a ressurreição do animal.

Existe um registro que reconhece essa cultura até os dias de hoje, escrita pelo Padre Miguel do Sacramento no Jornal Carapuceiro em Recife, 11 de Janeiro de 1840 (apud CASCUDO, 1956). Nem mesmo Henry Koster, que fez os registros sobre as manifestações populares em Pernambuco entre os anos de 1810-1820, mencionou a festividade sobre o Bumba meu boi. Então, Padre Carapuceiro, como era conhecido naquela época, descreveu, há 174 anos, sobre o Bumba meu boi:

De quantos recreios, folganças e desenfados populares há neste nosso Pernambuco, eu não conheço um tão tolo, tão estúpido e destituído de graça, como, aliás, bem conhecido bumbameuboi". Em tal brinco não se encontra um enredo, nem verossimilhança, nem ligação: é um agregado de disparates.

Um negro metido de uma baeta é o boi; um capadócio enfiado pelo fundo panacu velho chama-se o "cavalo marinho", outro alapardado, sob lençóis, denomina-se burrinha; um menino com duas saias, uma da cintura para baixo, outra da cintura para cima, terminando para a cabeça com uma urupema, é o que se chama a "caipora"; há, além disto, outro capadócio que se chama o pai Mateus. O sujeito do "cavalo-marinho" é o senhor do "boi", da "burrinha" da "caipora" e do "Mateus". Todo o divertimento cifra-se em dono de toda esta súcia fazer dançar ao som de violas, pandeiros e de uma infernal berraria o tal bêbado Mateus, a "burrinha" a "caipora" e o "boi", que com o efeito do animal muito ligeirinho, trêfego e bailarino.

Além disso, o "boi" morre sempre, sem quê nem para quê, e recussita por virtude de um clister, que pespega o Mateus, cousa mui agradável e divertida para os "judiciosos" espectadores. Até aqui não passa o divertimento de um brinco popular e grandemente desengonçado, mas de certos anos para cá não há "Bumbameuboi" que preste, se nêle não

aparece um sujeito vestido de clérigo, e algumas vezes de roquete e estola, para servir do bôbo da função.

Quem faz ordinariamente o papel de sacerdote bufo é o brejeirotedespejado e escolhido para desempenhar a tarefa, até o mais nojento ridículo; e para complemento do escarnio, esse padre houve de confissão ao Mateus, o qual negro cativo faz cair de pernas ao ar o seu confessor, e acaba como é natural, dando muita chicotada no sacerdote (CASCUDO, 1956, p. 51-52).

Durante certo tempo, Alagoas não era citada como um dos estados representantes do festejo pelo fato de o personagem principal, que é o Boi, ser personagem também do Reisado:

Suíte de danças cantadas por um grupo de dançarinos-cantadores, entre os quais se intercalam representações ou “entre-meios” terminados em geral pelo mais importante que é o Boi. Vê-se assim que o nosso reisado de Alagoas não é apenas uma sequência de pequenas dramatizações ou a única dramatização do Boi, a que um conjunto de tocadores e cantadeiras, sentadas no mais das vezes, serve de côro ou acompanhamento, tal acontece nos Bumbas, stricto sensu (BRANDÃO, 1962, p. 13).

No entanto, isso não implica que na Terra dos Marechais não era praticado o folguedo, que era reconhecido como um entremeio do Reisado. Até porque Melo Morais Filho foi o pioneiro nos registros sobre o ilustre personagem em sua obra *Festa e Tradições Populares do Brasil* (1946). Neste trabalho, o autor registra um Bumba meu boi. Contudo, há controvérsias em relação ao local do registro – se foi em Alagoas ou na Bahia. No capítulo *A vésperas de Reis*, o autor cita a Bahia, mas que, posteriormente, Théo Brandão (1962) reconhece como sendo um reisado natural de Alagoas. No fim do registro, observou-se que Melo Morais não mencionou ser Bumba meu boi toda a apresentação, mais o entremeio do Boi. Essa informação está contida num trabalho um tanto raro: *Costumes e Tradição do Brasil - Festas de Natal* (1962). Nele, é possível observar um Bumba, e o local:

Estamos nas Alagoas. A uns vinte e cinco minutos da cidade velha demora a antiga aldeia de Taperaguá, que vem banhar as plantas na lagoa plana e transparente. Nesta povoação as casas são baixas, de telha vã ou de sapé. Os que aí moram são nas generalidades pobres pescadores. É costumes das famílias da capital abandonar suas casas e em companhia de outros ir passear a festa desde 25 até 06 de janeiro à beira dessa água.

Toda a lagoa Manguaba que é linda e muito povoada, durante esse tempo torna-se encantadora. Desde o Trapiche da Barra, Pontal, Remédios, Boca da Caixa, Volta d'Água, Santa Rita etc.; vêem-se arcos, bandeiras e barracas pelo caminho, rapazes e mulheres,

crianças e velhos passeiam na lagoa em balsas, ajoujos embandeirados, soltando foguetes e tocando músicas características da província. A noite muita gente vai ver o Bumba-meu-boi em diferentes casas, ruas e largos. Naquelas paragens o auto do Bumba tem uma quantidade enfadonha de personagens de enxêto, tornando-se por isso mais curioso.

Ao todo existem: O Boi, o tio Mateus, Catarina, o Doutor, o Foiará (indivíduo esquisito e vestido de folhas), o Morto-Vivo, Zabelinha, Mané pequenino, o Perna-de-Pau, o Urucuri (filho do Mateus), o Capitão do Mato, um Rei Mouro e um Rei Cristão (BRANDÃO, 1962, P. 15).

Não existem registros de que Melo Morais Filho realmente esteve em Alagoas, devido sua naturalidade baiana. De acordo com Théo Brandão (1962), estas informações foram dadas por algum nativo ou, possivelmente, por seu genitor residente e natural do estado que, porventura, teria deixado para seu filho essas informações.

Outro alagoano que também deixou sua contribuição sobre essa cultura foi Jorge de Lima, entre 1915 e 1930. Nessa pesquisa, foi identificada uma semelhança espacial e na descrição do folguedo entre o autor e Melo Morais Filho. No livro *Folclore Negro do Brasil* (1935), Arthur Ramos descreve uma manifestação cultural natural da terra, cuja descrição foi feita como Bumba meu boi:

Em Alagoas, festejam o Bumba-meu-boi no período das festas de natal, até o dia de Reis. Os personagens são: o boi, arcabouço de madeira, coberto de chita vermelha, representando o corpo do Boi, e a respectiva cabeça com os chifres, essa armação é carregada por um indivíduo que lhe fica por baixo, oculto, o Mateus, vestido de vaqueiro e armado de uma vara de ferrão para vaquejar o Boi, o Rei e o Secretário de Sala, trazendo capaz e galões, capacetes dourados e espadas; e mais o Doutor, a Catirina, o Padre, o Vaqueiro e outras figuras secundárias (RAMOS apud BRANDÃO, 1962, p. 18-19).

No entanto, de acordo com as pesquisas do próprio Théo Brandão (1962), as informações contidas na obra tratam-se de um Reisado, e no decorrer da descrição dos personagens, elas coincidem às de Melo Morais (1962).

Abelardo Duarte, num estudo que tem como título *Um Folguedo do Povo* (1957), descreve um Bumba meu boi no engenho Hortelã. No entanto, pelos personagens e vestuários, percebe-se que também é um Reisado. Com isto, entende-se que havia uma diversidade desse folguedo e a coincidência de equívocos entre Melo Morais Filho, Arthur Ramos e Abelardo Duarte.

Até Alfredo Brandão, outro pesquisador ativo, teve um bom material de pesquisa entre 1914 e 1919. Em seus estudos, ele não menciona o Bumba meu

boi, mas sim “o Reisado, a Chegança, a Cavalhada, o Maracatu, o Toré, o Côco, ou o Samba, o Quilombo, o Fandango, o Fubá, o Pastoril, as Taiêras, as Cirandas, o Candieiro, o Passeio à Roça e Rapapé” (apud BRANDÃO, 1962, p.21).

Em 1956, Sales Cunha publicou uma obra intitulada *Aspectos do Folclore de Alagoas e Outros Assuntos* (1956). Neste trabalho, estão contidas informações adquiridas entre os anos de 1919 e 1922. Nele, o responsável pela obra também não se refere ao Bumba meu boi, mas ao Reisado. Por isso, durante a década de 30, não existia nenhum registro que em Maceió havia a cultura do Bumba meu boi, o que causou ao estado ser excluído da lista onde o auto é apresentado. No Dicionário Folclórico Brasileiro (1962), bem como no trabalho de Rossini Tavares de Lima, também não havia registros. Propagado pela Comissão Nacional do Folclore (doc. 363), a informação é de que Alagoas é citado como praticante dos seguintes folguedos: Reisado, Pastoril, Chegança, Taiêras, Presépio.

Théo Brandão (1962) defendeu a ideia do Boi presente em Alagoas, mesmo que não existisse nenhum registro do Estado como praticante dessa herança cultural, e discorda com a ideia do mesmo ser excluído da lista de praticantes desta manifestação, mesmo com as informações duvidosas de espaço geográfico de Melo Moraes Filho (apud BRANDÃO, 1962). Então, em 1951, foi solicitado ao IBGE um levantamento sobre folguedos e autos populares de Alagoas. Naquele momento, quem dirigia o instituto era Franklin Casado, membro da Comissão Alagoana de Folclore, que conseguiu encontrar nos municípios de Porto de Pedra e Porto da Rua a existência do Bumba meu boi.

Em Porto da Rua, os participantes eram pessoas simples: os homens, quando não trabalhavam na pesca, tiravam coco; as meninas eram domésticas e artesãs. As apresentações eram feitas nas casas ou nas praças públicas. Durante a pesquisa, o prefeito em exercício era Anfrísio Cunha. O auto, nessa localidade, era conhecido por “três pedaços”, e os componentes não tinham um local (sede) para fazer seus ensaios, o que não era necessário, segundo o líder do grupo – Mestre Cirilo – pois não havia substituição dos membros principais, nem do texto.

Eles não se apresentavam apenas no período natalino, mas em qualquer época do ano. Os locais de apresentação eram: Porto de Pedras, Tatuamunha,

São Miguel dos Milagres, Toque, Lage, Barra do Camaragibe e no Passo de Camaragibe. Quanto ao nome, Mestre Cirilo (1951) explicou ao folclorista que o auto, naquele município, possui este nome relacionando-o a um personagem, que era o morto-vivo. “Não vê que ele tem três pedaços: um vivo e dois mortos”.

O pesquisador observou a simplicidade daquele auto: o figurino era adquirido através dos vizinhos e, assim, o grupo estava apto para apresentar-se:

O auto constava da “abrigão de porta”, comum aos demais reisados do Estado, e de um desfile de bichos e personagens que dançam ou evoluem, enquanto cômico de acompanhantes cantam a cantiga. Os “bichos” são apresentados pelos “Mateus” ou pela “Catirina”, que nos intervalos entre a saída de um bicho e chegada de outro, cantam por sua vez cocos, emboadas, recitam décimas ou dialogam chistosamente entre si ou com a assistência (BRANDÃO, 1962, p.23).

Mesmo assim, Théo Brandão identificou no auto uma semelhança com os Reisados alagoanos:

O chapéu de palha do “Mateus” de aba quebrada na frente, tem como nos Reisados, a copa afunilada e são enfeitado com espelinhos e flores artificiais na aba quebrada, fitas pendentes do vértice da copa. A roupa é a comum, de uso, de empréstimo ou doação. Trazem pés descalços ou usam alpercatas de couro, carregam às costas um surrão cheio de latas, trazem ao pulso uma “macaca” (restia de cebola) e nas mãos pandeiros e uma enorme” espingarda de bambú.

A Catirina (homem vestido de mulher) traja vestido comum (saia e casaco curto), de cômico, e usa a cabeça um torço de cor, enrolado como turbante. Nas mãos carrega uma boneca enfeitada, negra que denomina de Marinete. Pintam - os dois Mateus e Catarina - o rosto de fuligem ou tisna de panela, mesmo os que têm a tez mais ou menos escura. Não “há palhaços, de rosto pintado de alvaiade como nos outros reisados de Alagoas (BRANDÃO, 1962, p.24).

3 O BOI ÁGUIA E SEU CONTEXTO ESPACIAL E SOCIAL

Minha entrada não foi difícil, pois o local onde o grupo Bumba meu boi Águia, como é conhecido e chamado pelo grupo, é o Núcleo Cultural da Zona Sul de Maceió, na Rua Cabo Reis s/n Ponta Grossa.



Figura 1: Fachada do Núcleo Cultural Zona Azul

A pesquisa etnográfica realizou-se de 14/01/2014 a 12/04/2014, período no qual frequentei a sede do grupo e tive contato com seus integrantes aproximadamente duas vezes por semana – nas terças e quintas-feiras, que eram os dias de ensaios de bateria e produção de decoração no Boi. Mesmo esse contato visual não exigindo de mim nenhuma experiência, não significa que o exercício seja fácil. Assim sendo, não poderia deixar de falar de Roberto da Matta, em seu trabalho *O Ofício do Etnólogo ou como ter 'anthropological blues'* (1978) ao discorrer sobre as três etapas fundamentais do etnólogo, em que uma delas que me chamou atenção, apenas por uma questão de contexto. Ele diz que “É vivenciando esta fase que me dou conta (e não sem susto) que estou entre dois fogos: a minha cultura e uma outra, o meu mundo e um outro” (MATTA, 1978 p. 02).

Enquanto pesquisador precisava entender, ouvir e enxergar tudo em relação a meus entrevistados: o que eles fazem realmente até o dia do concurso? Como eles realizam as atividades? Como eles promovem o evento? E as despesas? Quem os ajuda? E os membros? Qual a participação dos mesmos? Quantos são? Enfim, essas dúvidas se passavam em meus pensamentos ao passo que este trabalho seja construído, é que fui ao campo de pesquisa mais seguro para me familiarizar com aquilo que, até então, me pareceu estranho no primeiro contato, já que, a partir daquele momento, eu já

não estava em minha zona de conforto. Ao mesmo tempo, estava ansioso em relação ao que o meu objeto de pesquisa – o Boi Águia – poderia me proporcionar.

Das idas aos primeiros ensaios, na tentativa de socializar com meu novo grupo, até o momento em que familiarizassem comigo, e não me olharem como um estrangeiro, havia momentos em que me dava vontade de rir, pois eu tinha conhecimento do estranhamento que eles nutriam por mim, e que era de minha responsabilidade quebrar essa barreira. Durante a realização do trabalho, percebi que eu estava em busca de uma verdade ignorada por muitos. Essa certeza vinha dos momentos que encontrava alguém conhecido que me questionava, com um olhar reprovador, sobre o que eu estaria fazendo ali. Isso me fez observar como aquele grupo era vítima de estereótipos dos padrões sociais.

Chegando no local, cumprimentei a todos, me identifiquei como aluno da Universidade do curso de Ciências Sociais e expliquei minhas intenções de colher dados sobre o trabalho do Boi naquele local, como: sua história, produção, ensaios e bastidores até o dia do concurso, no qual se concretiza todo o trabalho coletivo.

Fui recebido por um dos coordenadores do Boi, conhecido por Fernando e batizado entre eles como “Feu”. Ele me recebeu com simpatia, me deixando à vontade para frequentar os bastidores da sede do Boi Águia. Em seguida, fui apresentado ao vaqueiro Emerson, chamado entre eles de “Buzunga”, que comanda o Boi nas apresentações e no dia do concurso. Ele é tricampeão alagoano como vaqueiro, e diz com orgulho e otimismo que chegará ao tetra. Conheci o mestre da bateria Henrique: figura simpática, voz baixa e um pouco tímido. Enquanto as maiorias dos membros foram para a quadra, pois o espaço da sala é pequeno e não suporta tanta gente, ficamos lá dentro num papo descontraído. Falamos sobre onde morávamos, a família e o trabalho, até que o assunto tão esperado por mim foi iniciado.

Neste dia, não houve ensaio já que a sede estava muito tumultuada, desorganizada – materiais espalhados, armários fora do lugar, mesas ocupadas com caixas com sobras de materiais (lantejoulas, espelhos, tecidos de várias cores, cola e tesoura). O ambiente estava intransitável, sem falar da presença

de dois Bois – um, do ano passado; outro, o esqueleto do Boi para 2014. Como era o retorno das atividades, o ensaio foi adiado.



Figura 2: Sala do grupo Águia.

As atividades, de acordo com meu informante, deveriam ter se iniciado em setembro, mas, por motivos de divergências no grupo, o início deu em janeiro. Nos primeiros levantamentos do momento prático desse ofício, me veio à memória o trabalho da Teresa Pires do Rio Caldeira (1980), no qual ela direciona seu trabalho tratando da relação entre o pesquisador e o informante, e diz que é uma “relação que um requer um depoimento e outro se vê na contingência de responder; em que um pede que tudo seja dito nos mínimos detalhes” (CALDEIRA, 1980, p.334).

Para não perder tempo, procurei reunir o maior volume possível de informações: perguntei sobre a história do Bumba meu boi (ou boi de carnaval) em Maceió, e percebi que eles tratam ambos como um só. Feu, que desde criança cresceu escutando a versão da história em que seu tio, um dos fundadores do Águia, dizia que tudo começou nos anos 1970 com um senhor conhecido, na região da Ponta da Terra, por “Baleado” (apelido dado porque ele sofreu um atentado). Feu e os demais diretores (Henrique e Emerson, chamado de Buzunga) defendem a teoria de que “Baleado” foi o pioneiro na brincadeira do Boi aqui em Maceió, e que ele fazia burrinhas e La ursa, que era uma tradição de sair durante o carnaval.

Baleado se fantasiava improvisadamente e saía pelas ruas para pedir dinheiro (incentivando o bloco de rua) para assim comprar bebidas para brincar durante os dias festivos. Ele teve a ideia de pegar um Boi de um Reisado que tinha no bairro da Ponta da Terra (hoje Pajuçara), para sair no meio das burrinhas e La ursos com chapéu de palha e apito, como se fosse um vaqueiro, de porta em porta, pedindo dinheiro. Caso as pessoas dessem algum valor, o Boi dançava. Na época, os instrumentos usados eram: zabumba, tarol, violão e daí por diante.

Os anos foram passando, outras pessoas foram adotando essa prática de maneira livre e inusitada e sem encenações premeditadas que foram ganhando o gosto popular. Evidentemente, tal personagem não era o mesmo pesquisado pelos pioneiros na pesquisa do Bumba meu boi como Arthur Ramos (1954), Abelardo Duarte (2010), Théo Brandão (1962), entre outros, que relataram em seus trabalhos um auto dramático completamente diferente, com história, entrada e saída de personagens, morte e ressurreição do animal.

Essa tradição foi quebrada com a contemporaneidade defendida por aqueles que fazem a festa hoje. O que chegou até a mim foi que a criatividade do “Baleado”, que animava o bairro, resistiu ao tempo; que a brincadeira ganhou gosto popular e foi adotada em outros lugares; que espalhou-se e resistiu ao tempo, tornando-se tradição com o nome que permanece de Bumba meu boi. Ao contrário dos antigos bailes carnavalescos promovidos nos clubes tradicionais da cidade para uma parcela da população, as comunidades periféricas, longe de despesas, usavam apenas a criatividade para cair na folia. Hoje, bem como as escolas de samba do grupo especial foram inovadas, o “Bumba meu boi” como é conhecido por eles tomou novas formas, com o incentivo do radialista Luiz de Barros, nas últimas décadas, ao criar o primeiro concurso.

Ao escutar a fala do meu interlocutor no discurso sobre essa nova derivação do folguedo, vieram à mente as lembranças de um passado remoto, onde todas as crianças, durante os anos 80 e 90, inclusive eu, cresceram correndo de alegria ou de tristeza, por medo, ao redor do Boi. O barulho fascinava todos os moradores do bairro, de todas as idades, que saíam à porta para apreciar o evento, ou os que o acompanhavam, sem destino nem pretensões, pelas ruas da capital. Sem me preocupar com hora da chegada e na

intenção de participar da reverência ao Boi, como se fosse uma hipnose, no seu mais improvisado traje de chita, que carregava grande originalidade no seu bailado, muitas vezes, quando me dava conta, já estava muito distante de casa; a tarde já havia caído e voltava sabendo que, não somente eu, mas os demais receberíamos os devidos castigos por termos saído de nossas casas sem avisar – mesmo assim, estávamos satisfeitos por termos ido ao encontro do Boi.

3.1 O Criação do boi Águia

O Águia, de acordo com meu interlocutor, surgiu a partir de seu tio junto a dois amigos, que são primos do Henrique (mestre da bateria) que se juntaram na Pajuçara (naquela época, o bairro era conhecido por Ponta da Terra) com o Senhor “Baleado”, e fundaram o Boi que foi batizado como Águia de Ouro, e ficou muito famoso, desde então. Quando foi para o bairro do Vergel, agora rebatizado apenas como “Águia”, os antigos donos repassaram o Boi para os atuais continuadores do legado. Até o momento em pude acompanhar, o grupo de rapazes assumiu sua função com empenho. Nos dias de minha visita, sempre observava a rotina deles: a sede se encontrava aberta, limpa e organizada. Henrique, mestre de bateria, já estava presente se organizando para o ensaio, colocando os instrumentos na entrada da sala. Eu, para me sentir familiarizado com os demais, sempre os ajudava na retirada dos materiais. Aos poucos, os instrumentistas se organizavam para o ensaio.



Figura 3: Ensaio do grupo Águia.



Figura 4: Mestre Henrique da bateria

Durante o ensaio, o líder Henrique mantinha uma linguagem gestual em que mostrava um, dois e três dedos, de maneira crescente. Percebi que, à proporção em que ele mudava os gestos, a harmonia também mudava. Nem sempre os participantes da bateria prestavam atenção e, quando ocorreu de alguns deles errarem, havia gritos, xingamentos e discussões. Uma das coisas que me chama a atenção é a variação de idade entre os participantes da bateria e a presença de um garoto, o “mascote” do grupo. Percebo, também, que ele se

dedica disciplinadamente ao projeto, sempre atento à orientação do mestre da bateria. Seu nome é Rian Handerson, ele tem 11 anos de idade e é estudante. Rian pertence ao grupo desde os oito anos, por apoio de seu pai que, um dia, foi brincante de Boi. Durante um intervalo, fui ao seu encontro na tentativa de conseguir algumas palavras dele e percebo sua timidez. Mesmo assim, insisti e perguntei: *Você gosta de tocar?* Ele balançou, a cabeça afirmando.



Figura 5: Rian Handerson

Suas respostas, em meio a um sorriso e o olhar para o chão, foram o suficiente para que eu entendesse a importância que aquele grupo tem na vida dele, e também o quanto o grupo poderia fazer mais por Rian e por muitos outros. Por um momento, pensei no quanto aquele garoto poderia estar afastado de inúmeras coisas ilícitas enquanto estava ali duas vezes por semana. Sua timidez me fez lembrar que ali era meu limite e não deveria insistir.

Além do mais, na relação com o entrevistado parece importante que o pesquisador saiba “até onde pode ir” com cada um desses informantes, mas para isso não existem regras Pré-determinadas. Em parte a própria experiência no trabalho de campo me ensinou a perceber esses limites (SALEM, 1978, P.60).

Aos poucos, com o passar das semanas em minha interação com o grupo, os olhares interrogativos foram desconstruídos. Isso era bom para mim, porque me dava a sensação de ter sido aceito por eles. Em uma dessas idas, encontro

Buzunga. Foi ele que apresentou o projeto de 2014 ao demais envolvidos, bem como o tema escolhido, a decoração e a música. Todas essas questões estavam sob sua responsabilidade. Ele comentou, certa vez, que estava preocupado em relação a sua falta de tempo diante de tantas responsabilidades, visto que o concurso seria em abril.

O tema do Boi Águia, no ano de 2014, foi “Águia faz um gol pela paz no futebol alagoano”. O propósito, com esse tema, foi pedir a paz entre os torcedores (dentro e fora dos estádios), se referindo àqueles que torciam pelos times de futebol alagoanos CSA e CRB, que causavam tumulto toda as vezes em que seus times se enfrentavam – fato evidenciado nos telejornais. Ainda falando sobre o projeto, o Boi Águia tem como cor predominante o branco, que significa a paz, seguida das cores dos times de futebol alagoano (azul e vermelho). A bateria foi dividida em duas partes: uma vermelha e branca, outra azul e branco, em que foram simbolizadas as cores da bandeira alagoana e os dois times rivais, CSA e CRB. O mestre da bateria se caracterizou de juiz de futebol estilizado, comandando a bateria.

Após essas informações, Buzunga me disse que acompanha o Águia desde 2006, e lembrou quando o concurso ainda era na praia de Sete Coqueiros – fato que marcou muito sua infância que, por ter sido morador do bairro da Pajuçara, sempre acompanhou o mundo dos bois (desde a construção do boi até o dia do concurso). Naquela época, ele torcia pelo boi Paraná (hoje desativado). Em entrevista, ele lembra que entre os anos 2000 e 2005, os Bois que participavam do concurso usavam apenas o tecido com babados muitas vezes feitos de chita estampada, e também usavam um buquê de flores em plástico conhecido como capuchinhos – tudo muito simples.

Era dessa forma que os Bois se apresentavam nos primeiros concursos, segundo suas informações. A partir de 2006, o Boi Águia começou a apresentação estilizada. Desde então, a cada ano ele se apresenta com um tema diferente. A seguir, podem ser conferidos alguns desses temas:

- 1- Em 2006, homenagearam Néelson da Rabeca – um artista da terra, natural de Marechal Deodoro, que segundo Buzunga, inventou a rabeca, um instrumento musical. Como caracterização, a equipe levou uma rabeca na parte superior do boi;

- 2- Em 2007, o tema escolhido foi “A guerra contra fome”. Foi abordada a questão da fome no nordeste brasileiro. Foi um ano muito difícil para todos os grupos de Bois, devido às brigas que ocorriam nos concursos, por conta da aceitação de notas e classificação. Todos os bois foram punidos e, por essa questão, não houve festival. Mesmo sem apoio do governo, eles se reuniram e promoveram o concurso por conta própria, sem perder a qualidade do evento, com muito brilho e estilo, mesmo sem ter premiação;
- 3- Em 2008, o tema escolhido foi “Apaixonados pelo carnaval”;
- 4- Em 2009, todos os membros dos grupos de Boi foram ao Ministério Público lutar pela volta do concurso. Eles conseguiram uma audiência com o prefeito e, com muita luta, o propósito foi alcançado: a volta do concurso. Nesse ano, o Águia escolheu com o tema “O livro”, sendo a Bíblia a homenageada, como o primeiro livro da humanidade e, em seguida dos escritores alagoanos Graciliano Ramos, Jorge de Lima;
- 5- Em 2010, o tema escolhido foi “A turma do chaves”;
- 6- Em 2011, “Um sonho de uma criança”;
- 7- Em 2012, o Águia foi campeão, e teve com o tema “A cultura feita pelas mãos”, homenageando o Pontal da Barra e seus marisqueiros, pescadores e artesãos, bem como a arte do capuchinho;
- 8- Em 2013, o tema foi “As estrelas que brilham em Alagoas”. Linda Mascarenhas, Mestre Zinho, Jorge de Lima, Ranilson França e Maciel Lima foram os homenageados;
- 9- Em 2014, o tema escolhido foi “O águia faz um gol pela paz”.

3.2 A sede do boi Águia

Desde 2000, Buzunga se identificou com essa cultura, já que estava inserido nesse universo artístico de brilho, cores e decoração. Ao falar do projeto de 2014, senti uma euforia através de seus olhos, e declarou que estava mais atarefado já que, nos os últimos anos, houve problemas com o antigo decorador, o Feu. Ocorre que, quando se aproximou o concurso, ele perdeu o equilíbrio emocional, brigou com os demais membros, abandonando o grupo

comprometendo a apresentação. A decisão emergencial, então, foi de passarem a noite toda trabalhando, faltando apenas um dia para o concurso. Ele, então, ficou empenhado na conclusão dos trabalhos. “*Não pode ser assim, velho!*” (Informação verbal)², desabafa o vaqueiro.

As palavras daquele rapaz me fizeram recordar uma observação que Fernando me fez nos primeiros encontros, em que dizia “*Olha só velho... tu não liga se tu ouvir alguém discutindo fulano ou cicrano, pois somos igual a uma família com brigas e discussões mais que no final tá todo mundo bem*” (informação verbal).³

Não restavam dúvidas, para mim, naquele momento, após a fala de Buzunga que mesmo numa relação muitas vezes conflituosa, eles trabalhavam coletivamente. Ao observar o trabalho daquele grupo, outro fator provocou meu interesse, que foi quanto às despesas existentes até o concurso. Aproveitando o momento da entrevista, perguntei a Buzunga se eles tinham apoio financeiro, e como eles se organizavam para confeccionar a decoração do Boi e as roupas dos componentes, já que se trata de um grande grupo – que é composto por 20 ritmistas, que tocam surdo, tarol e repique; 1 mestre de bateria e vaqueiro, 1 condutor (boi), 5 lá ursos, 1 morto vivo, que é outro personagem boi, 3 “burrinhas”, que são levadas também para arena, e mais 20 pessoas que fazem a dança durante a apresentação, além do cenário. Ele, por fazer parte da diretoria do Águia, era quem melhor poderia melhor responder a esses questionamentos.

Na sua fala, ele cita o núcleo onde o grupo está sediado como exemplo de trabalho coletivo, artístico e cultural já que sempre que tem material da quadrilha – um cenário, por exemplo, ou pedraria – que sobra, eles doam ao Boi, e o material que sobra do Boi, eles doam à quadrilha (que se chama Forró Baião), como também à escola de samba Girassol, localizada no Conjunto Joaquim leão, que ajuda no que pode, como a doação da roupa da bateria. Eles ainda fazem as compras do que está faltando no cartão de alguém, e depois se juntam para pagar, sacrificando parte da cesta básica de alguns (ou talvez de todos). Alguns

²Informação colhida em 26/01/14, por meio de entrevista verbal. Os equipamentos utilizados para registro foram: gravador e câmera fotográfica.

³Informação colhida em 28/01/14, por meio de entrevista verbal na sede do boi Águia. Os equipamentos utilizados para registro foram: gravador e câmara fotográfica.

membros do Boi tanto fazem parte da quadrilha junina quanto da escola de samba.

Quando acaba o concurso do Boi, Feu (Fernando), por exemplo, vai dançar na quadrilha citada acima. Ao observar a movimentação no núcleo cultural, percebi que as atividades da mesma já tinham começado. Os concursos de quadrilhas seguem até o mês de agosto e meu informante me diz que os participantes da quadrilha também trabalham muito nos ensaios. Além disso, eles têm muitas despesas com a vestimenta, que chega a custar no total até R\$ 2.000,00, no grupo das mulheres, e R\$ 1.000,00 no dos homens, no mínimo. Para diminuir os custos, eles ainda reaproveitam material do ano anterior (como tecido, brilhos, pedrarias, etc.). Após os concursos juninos, Fernando me diz que descansa durante o restante do mês. Em setembro, eles recomeçam o projeto do Boi para o próximo ano, e começam a definir coisas como: tema, composição de música, figurino, decoração, etc.

Essa amizade entre eles não se resume ao período do concurso do Boi, depois de tudo, eles se reúnem, sempre que possível, nos finais de semana para beber, jogar sinuca juntos, assistir a jogos de futebol – principalmente o clássico local, pois a grande maioria é regatiana (torcida do time de futebol local CRB). O que pode ser observado é que há uma relação familiar entre os componentes do Boi Águia, principalmente entre Henrique e Fernando que, há mais de 15 anos e antes da transferência do Boi Águia da Pajuçara para a zona sul, já se conheciam, o que aconteceu através de uma banda afro chamada Axé Zumbi (já desativada) – época em que o ritmo do axé estava no auge.

Eles tocavam na banda, já que tinham experiência na bateria. Foi quando Fernando conheceu João e André, que sempre gostou de Boi. Eles pegavam os instrumentos emprestados da banda e ensaiavam para o Boi. Henrique tinha certa resistência de início, mas como sempre foi apaixonado por bateria, logo se rendeu ao mundo encantado do Boi.

A união entre os grupos foi confirmada para mim, enquanto observador, quando os ensaios foram suspensos 15 dias antes do carnaval, até o período após o concurso das escolas de samba. Motivo da suspensão foi para dar suporte na bateria da escola de samba Girassol, assim como aos diretores. Henrique me chamou à parte e informou o que Fernando (Feu) já havia feito sobre a troca de favores que existe entre a escola de samba e o Boi Águia. Ele

me confidenciou que o grupo não dispõe de condições para comprar 100 metros de tecido para vestir a bateria. Sendo assim, a escola de samba doou o tecido dividido em: 40 metros de tecido branco, 30 metros de tecido azul, e 30 metros de tecido vermelho. Por isso, segundo ele, não poderia perder a oportunidade em ajudá-los na bateria. Após o retorno das atividades, eu, em busca do cumprimento do meu ofício, conheci um personagem que, até então, não o tinha visto: Buzunga apresentou-me a Gleydson, que é decorador de boi e também quem desenhou todo o projeto do Águia: a roupa da bateria e a decoração do próprio Boi. Ele sobrevive de costura, decoração de festas, e também é coreógrafo, quando as escolas o contratam para organizar abertura de jogos, além das quadrilhas juninas, em que ele trabalha com figurinos, cenário, cabelo e maquiagem.

Ele iria colocar o tecido sobre o Boi para começar as atividades, mas ocorreu algo inusitado: a máquina de costura quebrou, por ser muito antiga, e o grupo não dispunha de dinheiro extra para o conserto. Gleydson, então, fez à mão as medidas do Boi: ele marcou com alfinetes o tecido sobre a armação do Boi, naquele ambiente quente onde o suor era o resultado de seu esforço. Buzunga era um dos mais envolvidos e eu, como observador, registrei o momento através de fotografias.



Figura 6: Buzunga e Gleydson.

Gleydson é uma figura chamativa: fala alto, discute porque discorda de tudo, além de impaciente. Possui uma estatura baixa e cabelo todo arrepiado, além de um estilo *fashion*. Ao olhar para mim, ele diz: *Olhe, moço, não ligue não eu sou assim mesmo* (informação verbal).⁴ Apenas sorri e me ofereci a ajudá-lo, na intenção de me aproximar e tentar algumas informações. Do lado de fora do local, a bateria já estava a todo vapor e, em meio a uma conversa e outra, fui me aproximando: disse meu nome e meus anseios naquele núcleo. Dessa forma, consegui driblar sua aspereza (claro que havia todo um interesse de minha parte para aquela gentileza). Senti que ele simpatizou comigo, então dei seguimento ao meu propósito.

Seu envolvimento com o universo do Boi de carnaval começou desde muito cedo: aos 12 anos, ele começou a fazer boizinho de lata de óleo e garrafa pet, usando a criatividade com os materiais que ele mesmo adquiriu, como glitter, lantejoulas e tecidos coloridos. Depois, surgiram os convites decorar os Bois de rua, que hoje já não existem mais. A partir daí Gleydson foi aprimorando seu talento. Em 2009 ele foi convidado para decorar o Boi para concurso, e desde então ele não parou mais, pois seu trabalho é disputado na região sul da cidade pelos líderes dos grupos de boi.

De acordo com sua experiência, um boi, hoje, para sair bem decorado para participar do concurso tem que custear cerca de dez mil reais. Eu me espantei com esse comentário, e pensei que esse talvez seja o motivo pelos quais os Bois de rua estejam diminuindo cada vez mais. Meu ouvinte concordou e deu o exemplo do boi *Águia* que, segundo ele, tenta arrecadar fundos realizando apresentações durante o ano todo. Com parte do dinheiro adquirido, é feita a compra de materiais, que têm alto valor. Parte desse material é comprado em Recife já que, em Maceió, além de ser mais caro, como descreve o experiente artista na arte dos Bois, não há muitas novidades. Na sua experiência, sempre falta alguma coisa: nenhum Boi vai para a arena como ele realmente queria, diz ele. Agradei, então, pelas informações.

Era por volta de meia-noite quando Gleydson terminou de alinhar o tecido – suando, pois a sala era quente – e eu acompanhando, registrando com

⁴ Informação colhida em 03/02/14, por meio de entrevista verbal na sede do boi *Águia*. Os equipamentos utilizados para registro foram: gravador e câmera fotográfica.

a câmara esses primeiros passos do Boi Águia. *É um nascimento*, penso eu. A cada ano, um novo tema; uma nova decoração. É de Henrique, então, a responsabilidade de providenciar uma costureira para costurar o tecido. Por coincidência, sua sogra assim o fez, bem como a roupa da bateria.

Na próxima visita, ao chegar à sede, Buzunga, Henrique e Gleydson estavam decidindo quanto à viagem a Recife para a compra do restante dos materiais. A viagem estava sendo marcada para a madrugada do dia seguinte (às 4:00hs da manhã). Quanto aos valores e despesas, tais como alimentação e passagem, não sei o que foi acertado: nesse momento eles foram mais criteriosos; afastaram-se para falar desses assuntos e eu não fui invasivo, apenas ouvi claramente que o rapaz do transporte iria buscá-lo em casa. No outro dia, durante o percurso do portão do núcleo até chegar à sede, observei que a sala estava semiaberta e havia um tecido prateado na porta (uma espécie de cortina). A intenção, ali, era de zelar quanto à exposição do boi, ficando apenas pouquíssimas pessoas autorizadas a entrar (sendo eu uma delas).

Ao entrar, percebi que os trabalhos já haviam começado. Dessa vez, senti um ritmo acelerado: o entusiasmo estava estampado no rosto de Buzunga, afinal de contas o material já havia chegado de Recife, o que já não impedia de parar a produção. Meu companheiro me recebeu com festividade e, para minha surpresa, perguntou-me se eu poderia ajudá-lo na decoração do Boi. Para mim, essa foi mais uma prova de aceitação no grupo. Mesmo surpreso com o convite, e sendo também totalmente leigo em decoração, ele olhou pra mim e disse “*Você aprenderá!*” (informação verbal).⁵

⁵ Informação colhida em 05/02/14, por meio de entrevista verbal na sede do boi Águia. Foram utilizados para registro os equipamentos: gravador e câmera fotográfica.



Figura 7 : O pesquisador participando das atividades.

Enquanto tudo parecia normal, pensava eu que estava ali diante de um novo desafio: o de contribuir na transformação do Boi Águia num luxuoso concorrente para o festival, previsto nos dias 11 e 12 de abril. Senti-me lisonjeado por estar ali, entre eles, conquistado um espaço em tão pouco tempo. Sendo assim, começamos a trabalhar naquele ambiente quente e sem ventilação, onde suor tomava conta de nós. Colamos uma espécie de bandeiras, com cola de sapato, ao redor do Boi. Esta atividade foi árdua. Depois, costuramos à mão, no sentido ida e volta, para reforçar a colagem, assegurando, assim, que nada acontecesse ao tecido no dia da apresentação e pudesse prejudicar a pontuação. É um trabalho totalmente manual que requer paciência e delicadeza, além de agilidade, por conta do uso da cola quente durante todo o processo. Buzunga ficou envolvido com a decoração da frente do Boi. Enquanto eu colava umas pedrarias pequenas no contorno das “bandeiras”, a bateria não parava de ensaiar.



Figura 8: Boi Águia.

Durante alguns dias, ficamos na confecção de algumas flores de papelão revestidas de papeis coloridos, representando os mais variados tipos de flores. Depois disso, passamos um tempo esperando a vinda do grafiteiro, que iria desenhar dois jogadores no tecido que cobriu o Boi. Em uma das vezes, ao entrar no centro cultural, vi um aviso sobre a aula de educação para jovens e adultos (EJA). A presença de mais um trabalho me faz entender a necessidade de restauração que aquele prédio necessita, por acomodar tantos outros trabalhos que possam beneficiar a própria comunidade, que vive hoje à margem do crime, da droga e da violência.

3.3 O Núcleo Cultural Zona Sul

Antes de qualquer coisa, não poderia ter esquecido, entre tantas responsabilidades, a descrição do cenário (como já falei anteriormente), e levantar as informações sobre a instituição de pesquisa que também fez parte dessa tarefa. Todos os dias há um fluxo de grupos culturais diversificados que se reúnem num espaço conhecido como Núcleo Cultural da Zona Sul de Maceió, fundado em 25/03/2007, localizado na Rua Cabo Reis S/N no bairro da Ponta Grossa, onde os moradores estabelecem, em seu interior, práticas culturais

específicas, como: quadrilha junina, capoeira, grupo de dança, teatro, karatê, tae-kwon-do e, desde 2009, tem sido também a sede do Boi Águia.



Figura 9: Imagem interna do núcleo.

O local possui 15 salas que são utilizadas para as atividades continuadas dos grupos existentes, bem como para guardar os materiais dos mesmos. Percebi a existência de algumas salas um pouco afastadas. Perguntei ao pessoal qual a função das mesmas, e os rapazes que estavam na sala do boi me responderam que se tratava de dois banheiros totalmente danificados e interditados, com portas quebradas e paredes precisando de uma restauração. Aliás, pude perceber que todo o prédio é mal pintado com uma cor vermelha. É notório o descaso e, inclusive, nesse mesmo dia de colhimento de dados, não conseguíamos acender a lâmpada devido às péssimas instalações do local, que eram feitas de improvisos. Aguardamos até a chegada de outros componentes mais adaptados a esses “macetes” (como disseram), que mexeram em alguns fios e acenderam a lâmpada. Nos fundos do centro cultural há um abrigo de idosos e, devido aos ensaios, já houve muitos problemas com denúncias, segundo relatos do vaqueiro Buzunga.

Em relação à pintura, Ricardo, membro do Boi, citou em desabafo que a situação não está pior porque ele fez mutirão com os participantes do Boi, que pintaram as 15 salas. O caos estrutural do prédio se torna tão ínfimo diante da

alegria e satisfação daquelas pessoas que se desdobram em várias tarefas, que levam ao mesmo fim, simplesmente pelo prazer de amar o que fazem, sejam eles membros de qualquer grupo ali existente.

Durante minha visita, apenas a sala do grupo de dança estava aberta com sua atividade – além da sala do Boi, que é aberta diariamente durante toda a semana, nos três turnos e não fugia a regra do ambiente: era pouco iluminada, paredes com queda de rebocos, péssimas instalações dos fios de energia, totalmente expostos e sem interruptores. Diante daquela precariedade, eles buscam, nas dificuldades, o incentivo necessário para manter o sonho vivo.

O bom é que as salas não são frente uma da outra, com uma quadra aberta e coberta de frente a elas, onde acontece o ensaio do grupo de Boi às terças e quintas-feiras. Durante os outros dias, ela está ocupada com os demais grupos. Ao lado da quadra, observei que há capim. Ricardo (baterista do boi) me disse que, de vez em quando, eles fazem uma cotinha de dinheiro para comprar gasolina e queima as plantas quando estão grandes. Pouco depois, começa o ensaio. O meu informante tem que sair para esquentar os instrumentos, junto aos outros 19 membros. Os instrumentos que são utilizados são: surdo, tarol e repique. Uma das coisas que atentei é que alguns rapazes, os mais adultos, como o mestre de bateria Henrique, tomam umas doses de cachaça 51 antes de iniciar o ensaio.

Ao buscar informações históricas sobre o local, muitos dos componentes do Boi disseram que a pessoa com maior propriedade no assunto era um mestre de capoeira chamado Paulo André, também conhecido na capoeira como “Morceção”, que era graduando em Educação Física. Encontrei Morceção em umas das minhas visitas. Apresentei-me, explicando meu intuito acadêmico e, por opção dele, marcamos uma reunião em sua residência, localizada no bairro de Ponta Grossa. Ao chegar, fui bem recebido por ele e procurei fazer de sua entrevista algo bem informal, com o zelo de não manipulá-lo para evitar interferências. Aos poucos, ele foi se soltando e falando um de sua vida. Disse que desde os 12 anos ele foi apaixonado pela capoeira e hoje, com 40 anos e com muito esforço, tornou-se mestre e representante do grupo ABADÁ (Associação brasileira com apoio do movimento da África) que existe em 91 países e em vários estados do país. Quem faz parte da Abadá tem que ter um projeto social, então esta associação busca, na periferia, meninos para

desenvolver o talento na luta para que, no futuro, eles se tornem também mestres dessa arte marcial, como tantos outros espalhados por aí.

A partir daí a conversa começou a ter um rumo, já que o motivo pelo qual ele chegou até aquele local foi a falta de espaço para a prática da capoeira. Ao falar do Centro Cultural da Zona Sul, ele diz que se tratava de uma escola hoje desativada que, inclusive, ele frequentou, segundo sua mãe (uma senhora de 77 anos, D. Helena, que contribuiu com essa informação). O prédio, hoje com este nome, naquela época conhecido por muitos daquela região como Escola de Mar e Pesca, na qual em meados dos anos 80 e 90 funcionava como escola para escoteiros mirins, sob a coordenação de um homem conhecido por Sr. Biu (já falecido), que era funcionário do estado e porteiro da escola. Depois de desativada, este homem continuou com a escolinha de escoteiros. A zona sul, que abrange os bairros do Trapiche, Prado, Ponta grossa, Vergel e Levada, não dispunha, naquela época, de espaço físico, mesmo existindo para acolher o projeto Abadá. As diretoras das escolas dificultavam a presença dos grupos no local, e os porteiros também não ajudavam já que, muitas vezes queriam namorar, e a presença dos grupos atrapalhava.

Quando conseguiam ter acesso ao local, com muito sacrifício, era por pouco tempo, voltando a ficar na rua logo depois. Até que um dia, à procura de um local para exercer as atividades, Morcegão conheceu Sr. Biu. Ele apresentou a seriedade do projeto ABADÁ e lá conseguiu implementar, finalmente, um grupo, desde o ano 2000. Quando, finalmente, eles estavam se estabilizando em um local, com um endereço fixo, Sr. Biu veio a falecer. Então houve uma preocupação em perder o prédio, devido à expansão do projeto pois, além da capoeira, surgiram novos grupos, como: dança, hip hop, teatro, o boi Águia e a quadrilha Amor Junino. Além do mais, eles trabalhavam (e ainda o fazem), dentro da capoeira e nos demais grupos, com os meninos que vivem à margem dos riscos, dando acesso às famílias e proporcionando mudanças na vida desses jovens.

Com o tempo, veio o reconhecimento da seriedade do projeto: uma empresa local (Supermercado Unicompras) prestes a inaugurar, que fica ao lado da instituição, foi até ao Centro Cultural com o propósito de conhecer os jovens lá cadastrados, para que pudessem ser os primeiros funcionários de empresa, promovendo a dignidade e a integração desses jovens na vida social que, por

vários motivos, não tinham nem o café em casa. Assim, eles se reuniram e criaram um CNPJ, um estatuto, uma ata e, então, nasceu o Núcleo Cultural da Zona Sul. Inicialmente, o projeto tinha como foco vender seus objetos para retirar suas despesas de sobrevivência como, por exemplo, os que praticavam a capoeira, vendiam instrumentos, como: berimbau, pandeiro, atabaque. O boi, como já é tradição, montava e vendia as pequenas amostras de boizinho e, assim, cada um se virava para sobreviver.

Fortalecidos, eles entraram no Ministério Público com uma ação, mostrando o projeto que, logo após, veio a aprovação de permanência no prédio. Esse documento dá poder aos diretores do Centro Cultural de reformar o prédio. A fachada, por exemplo, precisa de uma reforma geral – assim como todo o prédio. Em sua declaração, Morcegão cita a ausência de políticas públicas governamentais que abraçassem a causa para fazer um verdadeiro núcleo cultural, com salas devidamente climatizadas e equipadas com retroprojetor, bem iluminadas e com cobertura, que falta na quadra, e uma possível construção de outra, já que ele dispõe de terreno. André sente a falta de apoio porque tudo precisa ser pago: energia, água, e a reforma do pátio, que fica logo após a quadra, fazendo plantas crescerem no local, precisando cortá-las ou fazer uma vaquinha entre os grupos, para comprarem gasolina e queimá-las. O prédio precisa de uma reforma total, como é percebido.

Diante da regularização do documento, qualquer despesa é de responsabilidade deles. Cada grupo paga o valor de R\$ 30,00 para ajudar nas despesas de energia e água e, todo ano, eles declaram imposto de renda, mesmo que não haja fundos. Hoje eles almejam que alguma secretaria olhe por eles e venha a contribuir com uma ajuda de custo aos instrutores ali existentes, para ensinar o que já fazem, pois, esta associação não tem fundos. Com muito sacrifício, eles conseguiram regularizar todas as pendências relacionadas à documentação do núcleo, pagando, assim, os serviços que foram prestados – como advogado e contador. Ele afirma que, para recolher fundos, eles promovem bailes, bingos e concursos de dança. Os grupos vivem de suas apresentações individuais.

Ao final da entrevista, agradei a André por sua contribuição. Em sua fala e seu olhar, notei um sentimento de tristeza. Creio que, durante nossa conversa, o desabafo de sua parte tenha lhe proporcionado certo alívio. Eu tive a sensação

de que ele estava querendo ser ouvido, e aquele momento foi propício para tal. Espero que, num futuro próximo, as autoridades que administram o estado de Alagoas possam ajudá-los, e enxergar o que existe naquele local, que não é apenas um prédio em ruínas, mas pessoas batalhadoras que tentam fazer a diferença, usando como meio as atividades que desenvolvem, livrando muitos jovens da marginalidade.



Figura 10: Paulo André, fundador do núcleo.

3.4 O Bairro

Ao passo que o concurso ia se aproximando, as atividades se tornavam mais intensas – o que nos fazia ficar em atividade além do horário. Várias vezes, acabei perdi meu horário e, quando me dava conta, já passava de meia-noite. Não tinha certeza se minha maior preocupação era sobre como chegaria em casa, ou como sairia do núcleo, devido à má iluminação da rua. Na mesma noite, o líder da quadrilha avisou nas salas que todos que fazem parte do núcleo tivessem cuidado ao sair, principalmente aos que iriam pegar ônibus (como era meu caso). A advertência foi dada porque em frente ao núcleo havia uma residência que sempre tinha uma das janelas aberta, e era onde residia a namorada de um assaltante.

Segundo informações, ela discretamente observava e ligava para o suspeito, avisando sobre possíveis vítimas no ponto de ônibus. Eu não hesitei em perguntar ao líder sobre a veracidade da acusação – afinal, se tratava de um assunto sério. Ele me respondeu que um membro da quadrilha foi assaltado por esse suspeito, o namorado da cúmplice. Ao reagir, o membro entrou em uma luta corporal com o assaltante que, por sorte, deixou cair o celular no ato da fuga. Quando vítima olhou o celular, percebeu que havia uma chamada com foto da suspeita.

Em reunião, uma comissão foi formada e, no dia seguinte, seus membros foram à casa da suposta envolvida. Ao ser questionada sobre o fato, ela negou friamente que tinha algum tipo de relação com o assaltante, e disse que era apenas amiga dele, alegando não saber de sua procedência. No mesmo instante, uma das pessoas que estava presente a desmentiu, dizendo que todos que passam na porta do núcleo a via se relacionando com o tal sujeito. Assim, o líder da comissão a advertiu dizendo que caso continuasse havendo assaltos na porta do núcleo, eles iriam prestar queixa à polícia.

Na próxima semana, quando cheguei ao núcleo para retomar minha pesquisa, percebi que havia um cartaz, no qual pude ler a frase “*ESTAMOS EM LUTO*”. Todas as atividades foram interrompidas, pois um membro do grupo de dança “Estar Dance” foi assassinado com uma facada no lado esquerdo do peito por ter reagido a um assalto (não foi o mesmo rapaz, nem o mesmo assaltante citado anteriormente). O crime ocorreu próximo a uma praça localizada a um quarteirão do núcleo. Em decorrência do fato, foi colocado um tecido preto no muro do núcleo.

Senti a necessidade de falar um pouco da realidade dos bairros da Ponta Grossa e Vergel, na região sul da capital alagoana. O que me aumentou essa vontade foi ver no programa televisivo “Fantástico”, que vai ao ar aos domingos e possui grande audiência nas residências brasileiras, uma matéria exibida em 23/03/14, que tratava sobre o estado de Alagoas como sendo a capital mais violenta do país. É lamentável que uma cidade onde a natureza reservou as nossas praias, a tonalidade de cor que a faz uma das cidades do Nordeste mais procurada pelo turismo, ser alvo nacional de um assunto tão vergonhoso.

Não irei me deter ao estado, mas sim ao bairro de Ponta Grossa, onde resido, no qual está localizado o núcleo onde faço minha pesquisa de campo. O

aumento de crimes tem reproduzido na população sentimentos de medo e insegurança. Ninguém mais anda tranquilo no bairro. Basta estar andando atrás de alguém que, quem vai à frente, logo se assusta ou encosta na parede, num sinal de rendimento. “A fala do crime promove uma reorganização simbólica de um universo que foi perturbado tanto pelo crescimento do crime quanto por uma série de processos que vem afetando profundamente a sociedade brasileira nas últimas décadas.” (CALDEIRA, 2000, p. 09-10).

Já aconteceu comigo de, ao chegar no ponto de ônibus, haver apenas uma mulher, que logo se retirou e se distanciou, mesmo sem eu ter um perfil que me comprometa. Foi uma sensação de desconforto. Todos os dias recebemos notícias dos vizinhos que um corpo foi encontrado às margens da lagoa, ou que houve uma tentativa de homicídio – sem mencionar os tiros que são escutados na madrugada. O “boca a boca” faz com que esses assuntos sejam evidenciados e recriados nas mais diferentes e incansáveis versões, em todos os lugares do bairro, ao ponto de não sabermos qual a verdadeira história. Essas pessoas não notam que esse ciclo vicioso, de ficar promovendo tais assuntos, provoca em nós próprios moradores o sentimento de insegurança e falta de paz, alimentando mais ainda seu medo.

A fala do crime - ou seja, todos os tipos de conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que tem o crime e o medo como tema- é contagiante. Quando se conta um caso, muito provavelmente vários outros se seguem; e é raro um comentário ficar sem resposta. A fala do crime é também fragmentada e repetitiva. Ela surge no meio das mais variadas interações, pontuando-as, repetindo a mesma história ou variação da mesma história, comumente usando apenas alguns recursos narrativos. Apesar das repetições, as pessoas nunca se cansam. Ao contrário, parecem compelidas a continuar falando sobre o crime, como se as infindáveis análises de casos pudessem ajudá-las a encontrar um meio de lidar com suas experiências desconcertantes ou com a natureza arbitrária e inusitada da violência. A repetição da história, no entanto, só serve para reforçar as sensações de perigo, insegurança e perturbação das pessoas. Assim a fala do crime alimenta um círculo em que o medo é trabalhando e reproduzido, e no qual a violência é a um só tempo combatida e ampliada (CALDEIRA, 2000, p. 27).

As lojas comerciais do bairro foram engradadas. Agora, as comprar são feitas através das grades. As pessoas estão sendo levadas a se isolar cada mais, em que por volta de 21h30min, todos já estão fechando suas portas, para distanciar-se daqueles que representam perigo. Esses comportamentos provocam separação, proibições e preconceitos. É perceptível uma

transformação na rotina diária das pessoas, resultado dessa força externa que assola o bairro como um vírus. “A fala do crime não é feita de visões equilibradas, mas de repetições de estereótipos [...] A fala do Crime elabora preconceitos” (CALDEIRAS, 2000, p. 38).

Esses acontecimentos, de acordo com alguns depoimentos adquiridos naquele núcleo, são frutos, entre outros fatores, do crescimento de favelas existente ao redor do bairro, o que cria um estigma dos moradores que ali moram na beira da lagoa. Ao passar por ali, observa-se muitas crianças fora da escola, brincando nos lixos a céu aberto, correndo pelas pistas, a mercê da ociosidade. Bem como dezenas de mulheres, que são as marisqueiras do sururu. Esse é o cenário de toda a beira de lagoa. Os conjuntos Virgem dos Pobres I, II e III, bem como um conjunto construído chamado de CDD (Cidade de Deus), citados com grande índice de violência, de acordo com os meios de comunicações locais, enfatizam isso diariamente. E, como consequência disso, declara a socióloga Ruth Vasconcelos:

A alta frequência com que as notícias de violência são veiculadas nos/pelos jornais alagoanos produz efeitos de naturalização da violência e representações sociais que interferem na constituição da própria realidade social e política do estado. (VASCONCELOS, 2005, pp.80-81).

Mesmo com a construção de uma base comunitária a poucos metros do núcleo, isso não inibiu a ação da violência nos arredores da comunidade. Isso porque os policiais não ficam unicamente nas proximidades, mas também atendem ocorrências em outras áreas, e o resultado desse deslocamento é o desfalque de policiais naquele lugar, como afirma o chefe do Núcleo de Polícia Comunitária, major Alexandre Costa: “Infelizmente, os policiais saem muito raio de abrangência da base porque a demanda é imensa e faltam homens e viaturas na Polícia Militar. Na base, eles estão apenas fazendo patrulhamento e ocorrências e, ao invés de só atender o bairro do Vergel, vão para o Trapiche, a Ponta Grossa e o Prado [...]”.⁶

⁶Informação acessada no dia 21 de janeiro de 2015. Disponível no link:<gazetaweb.globo.com/mobile/noticia.php?c=360595&e=3>.

As palavras do Major me remetem ao antropólogo Gilberto Velho, ao tratar da violência:

A gritante desigualdade social, a cupidez e indiferença dos setores dominantes alimentaram sem dúvida, o crescente ressentimento social que hoje manifesta-se, de modo agudo, na violência da criminalidade que atinge, sobretudo, a população pobre mais jovem, produzindo um círculo vicioso de vítimas e carrascos (VELHO, 2004, p.7).

Não medi esforços ao encontrar a coordenadora do grupo de dança chamada Janaína, e logo perguntei se ela poderia dar alguns minutos de sua atenção. Primeiramente, expressei minhas condolências pela perda do membro do grupo. Em seguida, perguntei se poderia ligar o gravador, dizendo-a que também tinha que registrar aquele fato tristonho de sua equipe. Expliquei do que se tratava minha presença semanalmente naquele local. Sem problema algum, ela respondeu ao meu questionamento sobre seus sentimentos diante do acontecido. Com muita tristeza no olhar, ela desabafa sua indignação, falando *“Horível! Sem explicações a dor ainda não passou, ele não era apenas um amigo do grupo de dança ele era como se fosse um irmão de verdade. Porque fomos criados praticamente juntos desde a infância nossas famílias se conhecem de muito tempo”* (informação verbal).⁷

Suas palavras, naquele momento, foi a representação da voz de inúmeras pessoas naquela comunidade diante da perda de um ente querido. Até mesmo na sala do boi, as pessoas comentavam que a vítima (Anderson Oliveira) era muito tranquila e educada; que ele era um menino cheio de vida: com 19 anos, bebia como todo jovem na idade dele curtia a vida da mesma forma, inclusive no dia do acontecimento, em que o mesmo tinha ido à praia com amigos, situação em que estava muito feliz, tirando fotos e enviando para as redes sociais.

A partir desse dia, a rotina dos ensaios foi comprometida, que sempre terminavam mais cedo. Percebi que todos os que frequentavam o espaço estavam tensos. Quando o pessoal ia embora, havia uma preocupação maior, e a dica agora era andar em grupos, segundo minha informante. Achei relevante falar um pouco sobre o bairro, visto que esses fatores externos, como o cuidado

⁷Informação colhida em 21/03-uso de gravador e câmara fotográfica, por meio de entrevista verbal. Foram utilizados para registro os equipamentos: gravador e câmara fotográfica.

com os horários para não deixar o espaço tarde, já que eu também pegava ônibus para ir e vir da pesquisa, tiveram influência na produção deste trabalho.

4 O BOI EM SENA: ORGANIZAÇÃO DA LIGA E O CONCURSO DE BOI

Numa das vezes em que eu estava me organizando para ir ao ensaio da bateria, recebo uma ligação de Buzunga me convidando para acompanhá-lo numa reunião da Liga dos Bois de Maceió. Fiquei entusiasmado e, imediatamente, o perguntei onde poderia encontrá-lo. O local escolhido foi a Fundação Municipal de Ação Cultural, localizada na Avenida da Paz nº 900. Lá, provisoriamente, reúnem-se todos os diretores de Bois de Maceió. Na verdade, ele não tem sede própria e nas documentações o endereço que consta é o da residência de um senhor muito conhecido, que é chamado de “Zé do boi” (José Carlos), um dos fundadores da liga.

A liga nasceu após o concurso de 2003, em que ele, junto ao Fernando (Feu), sentiu a necessidade de organizar. Luiz de Barros, radialista, era quem organizava o concurso de forma muito simples, que acontecia próximo a sua residência, depois na praia Sete Coqueiros. Os prêmios eram os troféus referentes às posições de 1º, 2º e 3º lugar apenas. Era dessa maneira que era feito o concurso naquela época. Assim, após a modesta amostra de Bois, eles procuraram o presidente municipal da fundação de ação cultural que, naquele momento, era Arnaldo Camelo que, com seu apoio, cedeu tal espaço para que os grupos existentes pudessem se juntarem e fazer a primeira assembleia, com a ata de fundação da liga criada em 11 de setembro de 2003.

A partir desse momento, a responsabilidade sobre tudo passou a ser dos membros. Com a criação do CNPJ, nasceu uma instituição sem fins lucrativos, e a liga começou a lutar na conquista de ajudas de custo para os grupos que são cadastrados e, assim, proporcionar as premiações cabíveis – mesmo diante das limitações enfrentadas no início. Daquela época até os dias de hoje, já aconteceram 23 festivais de concurso de boi, desde 1991. Estas informações foram dadas por uma das figuras mais representativas no assunto, que é Zé do

boi (José Carlos). Ele não abre mão de ser chamado assim. Ao sermos apresentados, antes da reunião, quando fui chamá-lo pelo nome de batismo, ele retrucou “Oxe! *Aí você quer arrumar um problema, o que é isso? Não* (ele disse, balançando a cabeça) ”⁸.

Eu sorri e, a partir daí nossa conversa fluiu naturalmente. Quando perguntei sobre a história do surgimento do Boi de carnaval em Maceió, ele contou a mesma história que Feu: sobre o Sr. Conhecido por Baleado, no bairro de Ponta da Terra, que hoje é Pajuçara (p.26). Disse, também, que isso se deu através das brincadeiras de rua, relembrando sua infância no Reginaldo, onde fugia de casa em busca do boi Lá Ursa. Esses são personagens que, ao passar dos anos, foram perdendo a visibilidade para o próprio boi. “*Antes ninguém dava valor porque era uma brincadeira de menino de periferia*”,⁹ desabafa.

Em sua declaração, ele diz que estes meninos, vistos muitas vezes por “maloqueiros” (expressão que ele mesmo usa), foram crianças iguais a ele que, mesmo vivendo numa área de risco em contato com drogas e crimes, não seguiram esse caminho. Confessa, ainda, sem citar nomes, que alguns rapazes presentes na liga hoje o agradecem por não estarem na criminalidade, devido sua influência – fato com o qual ele se emociona. Ele cita que, ao se encantar com aquele universo, prometia a si mesmo que um dia iria fazer um Boi.

E assim o fez. Ele explica que, junto a dois colegas, se desenvolveu o festejo que disseminou pelos bairros pobres da capital, principalmente na parte baixa da cidade, onde existe uma maior quantidade. Hoje, essa é uma das mais esperadas atrações – seja no carnaval ou depois. Quanto à violência existente em alguns anos no concurso no momento do resultado, essa foi dissipada. A liga teve grande participação em acabar com essas rivalidades, pois quando os grupos foram punidos em um ano, houve a possibilidade de não acontecer o concurso. Com isso, eles aprenderam e, hoje, o resultado só é dado dias após, sem problema algum. Hoje, em seu conhecimento, há uma disputa sadia entre

⁸Entrevista concedida em meados de março de 2014, na residência do entrevistado, localizada na Ladeira Onze do Barrozo, 102, bairro do Reginaldo. Foram utilizados como equipamentos de registro: gravador e câmera fotográfica.

⁹Entrevista concedida em meados de março de 2014, na residência do entrevistado, localizada na Ladeira Onze do Barrozo, 102, bairro do Reginaldo. Foram utilizados como equipamentos de registro: gravador e câmera fotográfica.

os grupos. Como exemplo, ele cita que “*Cão de Raça e Vingador eles ‘brigam’ mais um não vivem um sem o outro, faz parte né? Afinal todos querem ganhar*”.¹⁰

No concurso de 2014, participaram da disputa 18 Bois, divididos em dois grupos: 1- o de acesso, que se apresentou num dia de sexta-feira, composto pelos Bois Guerreiro alagoano, Pura raça, Axé, Águia de Ouro, Vingador, Bumbá Alagoano, Diamante, Amizade e Minotauro; 2- o de grupo especial, que se apresentou no sábado, composto pelos Bois Águia, Tigre, Trovão, Imperador, Anaconda, Safari, Cão de Raça, Dragão, Cobra Negra. Além desses, existem outros grupos que estão cadastrados, como o Boi Estrelão e o Fênix, que estão desativados, mas os seus representantes continuam indo às reuniões da liga e participando das decisões, podendo assim, a qualquer momento, voltar à ativa.

Ao todo são 26 grupos espalhados nos bairros da capital: 03 na Jatiúca, Pura Raça, Axé e Cobra Negra. 09 na Pajuçara Vingador, Bumbá Alagoano, Anaconda, Águia de ouro, Tigre, Dragão, Jaguar, Serpente e Raça Canina. 06 no Vergel: Águia, Trovão, Fênix, Minotauro, Diamante e Amizade. 06 no Jacintinho: Guerreiro Alagoano, Safári, Cão de Raça, Gavião, Falcão e Estrelão. E 01 Santo Eduardo, apenas o Imperador. Quando comparada tal informação, com a pesquisa dos antropólogos Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de Almeida Barros, que publicaram em 2007 um mapeamento das expressões culturais “afro” na capital alagoana. Onde neste estudo, dentre uma variedade de práticas culturais, está o Bumba meu boi, hoje transformado em Boi de carnaval como uma das manifestações da presença negra em Maceió. Naquele momento, eles utilizaram as fichas cadastrais da liga para saberem quantos grupos existiam, e assim acompanharam 66 grupos, dos quais 28% eram do Jacintinho, 20% da Jatiúca, 20% da Pajuçara e 17% Ponta da Terra. A pesquisa ainda mostrou que 70% dos grupos localizados foram criados entre 1996 e 2006.

Percebe-se a diminuição dos Bois ao passar do tempo, ele justifica a despesa dos grupos rumo ao concurso, que a cada ano se intensifica. Ao falar em despesas, não pude perder a oportunidade de perguntar sobre os custos na promoção do evento. A Prefeitura Municipal de Maceió, durante a gestão em que a pesquisa foi feita, demonstrou um apoio nunca visto antes na cultura local,

¹⁰Entrevista concedida em meados de março de 2014, na residência do entrevistado, localizada na Ladeira Onze do Barrozo, 102, bairro do Reginaldo. Foram utilizados como equipamentos de registro: gravador e câmera fotográfica.

informou Zé do boi – ao começar pelo carnaval, que veio com o resgate dos antigos blocos de rua onde todos eles receberam uma ajuda de custo.

Não foi diferente com o concurso do Boi. Segundo ele, o projeto foi aceito no valor de R\$ 121.000,00. Desse valor, R\$ 21.000,00 foi gasto na produção. O restante foi dividido entre os 20 grupos que participaram do evento. Contudo, havia uma dívida do ano anterior da liga, o que levou aos grupos ligados a ela decidirem que cada um deles doaram um valor de comum acordo. Junto com os tributos, restaram R\$ 3.800,00 para as equipes cadastradas na liga. Pouco a pouco, os demais foram chegando e concentrando-se na entrada do prédio, até a chegada do presidente da liga – Joel Ferreira – para direcionar a reunião. Ela se passou no auditório, onde estavam presentes 25 rapazes (é um mundo masculino, que na entrada a conversa que permeava era sobre brigas, derrotas nos concursos anteriores, desafetos e discussões que ocorreram na última reunião). Eles estavam preocupados sobre ficar sem a ajuda de custo do ano de 2014. Outros relembravam antigas brigas com tiros entre as torcidas dos respectivos Bois, que prejudicaram a imagem do concurso e da cultura do Boi.

Na pauta da reunião, teve a entrega do regulamento para o concurso de 2014 e a lista de presença foi passada e assinada pelos presentes. Foram cobradas fichas de cadastro, juntamente à sinopse, ou seja: o tema, como o Boi estará vindo, quais as cores e homenagem, a letra da música e inscrição do Boi. O regulamento foi feito em dois dias, em assembleia com alguns membros presentes e, como foi dito pelo presidente da liga, a quem não se fez presente no dia da elaboração do documento, foi negado o direito de questionamentos.

Foi uma reunião tumultuada, com brincadeiras inapropriadas para aquele momento, em que assuntos desnecessários eram abordados. Segundo as conversas que eu, discretamente, escutava, os presentes estavam interessados em sobre o apoio financeiro da prefeitura. E para aqueles que aguardavam ansiosos esse momento, a questão foi adiada para o próximo encontro, causando discussões entre eles. Quando a reunião chegou ao fim, sem acordo algum, insatisfações surgiram. Foi quando Buzunga me disse que eu não me assustasse, pois, as reuniões sempre foram dessa forma.



Figura 11: Reunião da Liga de bois.

No final, saindo do auditório, perguntei ao Zé do boi o porquê de não haver presença feminina no Boi, bem como o porquê dos nomes dos grupos sempre forem dessa forma. E ele me respondeu:

“Pois é (risos) talvez seja porque as meninas achem que o boi é coisa de menino, mais isso não tem nada a ver, o boi está aberto para todo mundo inclusive já houve um grupo feminino no bairro do jacintinho chamado “raça canina” mais não vingou. Porém elas ficam envolvidas na confecção de adereços, nas coreografias, no vocal elas estão presentes sim, sendo de outra maneira. Em relação aos nomes é engraçado... Os rapazes sempre faziam homenagens, eles tinham essa necessidade de batizar o boi com algum nome; o boi Baleado, por exemplo, chamava-se assim devido seu antigo dono que sofreu um atentado, o Gato Guerreiro devido a um desenho animado, o Scorpion devido ao grupo americano que fazia sucesso na época e assim por diante”.

Ao termino da conversa, o agradei pelas informações e fui embora. No percurso, fiquei pensando que, desde a chegada dos primeiros membros coligados, o assunto mais importante para eles se tratava de valores financeiros. Percebi a insatisfação justificada pelos líderes em relação à omissão do presidente Joel, em esconder tal informação, faltando 08 dias para o concurso. Na verdade, eu observei, durante as visitas, que este era o assunto mais importante. E para validar minhas impressões, quando foi exposto o assunto mais esperado, muitos membros não esperaram nem o sorteio na sequência das

apresentações do dia 11 e 12/04/2014 dos grupos de Bois, que foram distribuídos da seguinte maneira, com seus respectivos temas:

1º dia: 1 - Boi Faraó, Nelson Mandela; 2 - Boi Águia de Ouro, Airton Sena; 3 - Boi Axé, O Sofrimento sertanejo; 4 - Boi Amizade, Salvação para todos; 5 - Boi Vingador, Corte real; 6 - Boi Bumbá Alagoano, O Mundo do faz de contas; 7 - Boi Minotauro, Jogo da vida; 8 - Boi Olodum, Mitologia grega.

2º dia: 1 - Boi Águia, Um gol pela paz; 2 - Boi Safari, Abençoadas são as mãos que fazem o sonho acontecer; 3 - Boi Tigre, Inglaterra; 4 - Boi Cão de Raça, Mulher, mulher, mulher; 5 – Trovão, O mundo encantado da Disney sonho impossível; 6 - Boi Anaconda, O velho guerreiro Chacrinha; 7 - Boi Dragão, Entre flores e espinhos calvário da seca e a volta das chuvas o boi Dragão supera épocas.

4.1 O Concurso

O 22º Concurso de Bumba meu boi foi realizado nos dias 11 e 12 de Abril de 2014, na praça multi-eventos, no bairro de Pajuçara. Este evento foi uma realização da Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC). Para tal, o município forneceu uma arena bem estruturada, com som, telão e áreas Vips com 40 lugares, para as figuras ilustres, como o prefeito, que se fez presente na abertura e falou que *“O BumbaMeuBoi tem uma força muito grande, em vários bairros de Maceió e a prefeitura segue apoiando esse tipo de iniciativa que é muito importante, pois é nossa cultura, nossa raiz. É muito importante que o maceioense e o visitante venham conhecer essa expressão cultural. Quem vem para a arena montada na Multieventos, fica impressionado com a quantidade de gente que lota as arquibancadas”*.¹¹

No palco principal, havia lugar reservado para o júri. Vale ressaltar que, durante as reuniões na liga, as identidades dos jurados foram mantidas em sigilo absoluto, para evitar algum tipo de contato. Cada grupo teve o tempo de 30 minutos de apresentação, e a classificação foi feita a partir dos seguintes

¹¹Depoimento do Prefeito da cidade de Maceió durante o evento. Disponível em: <www.maceio.al.gov.br/.../festival-de-bumba-meu-boi>. Acesso em: 23/01/2015.

questos: a) evolução do vaqueiro; b) evolução do boi; c) bateria; d) conjunto; e) beleza do boi; f) fantasia; e g) entoada.

Havia arquibancadas nas laterais e, fora da arena, quatro enormes tendas, com intuito de proteger os grupos de possíveis chuvas. Existiam câmaras, policiamento, corpo de bombeiro e a presença da empresa responsável pela limpeza urbana. Esse evento gerou dezenas de empregos indiretos, com a presença de barracas ao redor do evento vendendo várias opções de comidas e bebidas, além de várias cabines de W.C instaladas no local. O fluxo de gente era intenso no primeiro dia dos grupos de acesso. Nesse ano, o concurso homenageou Everaldo Lins, o mestre Vevéu, falecido em março. Ele é um dos ícones na cultura do Boi. Declarado patrimônio vivo de Alagoas, fez várias canções, montava e decorava o Boi Paraná, e também acompanhou todas as fases de transição dos Bois, que foi do chitão ao luxo.

O primeiro dia de apresentação não deixou a desejar: as torcidas estavam eufóricas e as crianças vidradas no Boi. O público variava de idade, mas a presença juvenil prevalecia à dos adultos, além de turistas. Homens, mulheres e crianças vão se aglomerando em meio às torcidas organizadas com suas camisas personalizadas e faixas dos respectivos Bois, o que me fez lembrar dos times de futebol. Houve muita correria o primeiro dia do concurso, cujas atrações eram do grupo de acesso (B), que lutaram entre si. Apenas um conseguiu subir para o grupo principal (A). No segundo dia, um desses Bois foi rebaixado. Todos estavam tensos, principalmente o grupo que fará a abertura do concurso. Na concentração, vários grupos iam chegando com seus cenários exorbitantes, o que me fez lembrar as escolas de samba com seus painéis, figurinos caprichados, em vários tons de cores, baterias personalizadas, com coreografias e encenações. Quanto mais o grupo aumenta, maiores as despesas, tornando cada dia mais difícil manter os custos para apresentação de um elemento que, outrora só precisava de improviso e disposição.

O grupo de minha pesquisa, dentro desse novo contexto, se esforça para não fugir desse padrão com sua indumentária grafitada e adornos, brilhos, tecidos, fitas, acabamentos diferenciados e coloridos, adaptados ao tema. Mesmo assim, após esses meses de trabalho, quando fui à sede no dia da apresentação para observar como estavam as expectativas dos últimos

detalhes, encontrei um clima tenso, uma correria: o cenário não estava pronto e o Boi ainda precisava de alguns ajustes.

Eles estavam visivelmente cansados, pois beberam noite anterior e foram para sede pensando que se eles tivessem trabalhado durante a madrugada, daria tempo de terminarem o que não fizeram em meses, o que era fruto de trabalho acumulado e descompromisso, aos meus olhos. Logo pensei no comprometimento físico que aquele esforço poderia causar na apresentação, mas mantive distante, apenas acompanhando os últimos momentos, a tanto tempo esperado – afinal, eram eles que iriam fazer a abertura no segundo dia de concurso.

Às 18:00hs chegou o caminhão baú para levar o Boi e os instrumentos da bateria, bem como o ônibus cedido por um dos componentes para conduzir os demais membros, incluindo: dançarinas, membros da bateria, familiares, diretores e eu, que os acompanhei. Para minha surpresa, o vaqueiro Buzunga estava colando alguns detalhes na roupa do ano passado, pois não havia sido feita uma nova para o ano de 2014. Eu fiquei surpreso, visto que ele teve tempo suficiente para providenciar tudo.

Dessa forma, o grupo se apresentou: o vocalista fez seu papel mas, durante a apresentação, a roupa do vaqueiro rasgou e o cenário começou a desmontar. Como eu estive na noite anterior e vi as apresentações dos grupos, percebi o quanto este grupo deixou a desejar. A consequência disso foi a queda dele para o grupo de acesso. Na minha inexperiência, eu já esperava esse resultado, que foi recebido com muito choro e lamentações entre eles. O resultado final dos grupos ganhadores só foi dado quatro dias depois do dia das apresentações, para evitar conflitos entre as torcidas. Por precaução, a soma das notas foi acompanhada pelos líderes, junto à liga, no Auditório da Academia de Polícia Militar, que fica no bairro do Trapiche. O grupo vencedor do grupo A de 2014 foi Boi Dragão, e do grupo B, Boi Vingador. A entrega das premiações foi feita pelo Prefeito em exercício, Rui Palmeira.

A mudança do tradicional para o estilizado dividiu o caminho dessa cultura nos últimos anos. Contudo, eu não vi, em nenhum momento, durante os dois dias do evento, aquele casal de negros que relembram a antiga história da morte e ressurreição do Boi. Isso me fez entender que essa preparação anual para a competição no concurso ocasionou a perda do Boi de rua e seus personagens.

Durante o festival, na faixa de apresentação do evento, estava escrito “22° Festival de Bumba meu boi”. Nem a própria liga, talvez, tenha se dado conta de que o concurso oferecido contradiz aos antigos moldes culturais da cultura popular do Bumba meu boi pesquisado pelo folclorista Théo Brandão (1962). E, quando se pensa na questão espacial, surge outra problemática: porque eles não se apresentam em junho, no Natal ou Carnaval, mas sim no mês de abril e, como já aconteceu, em maio.

Isso leva a um debate sobre essa nova forma contemporânea de recriação cultural, estética e nominal, após as idas ao museu Théo Brandão e, por fim, a este concurso, cheguei à lamentável conclusão que, de acordo com as pesquisas da museóloga Carmém Lúcia Dantas, “hoje em Alagoas não existe a cultura do Bumba meu boi, o último sobrevivente faleceu conhecido por Mestre Eurico, que liderava o auto em Maragogi” (DANTAS, 2013, p. 137-143).

Se eles não são Bumba meu boi, quanto à descaracterização, nem Boi de carnaval, devido à data, o que eles realmente são? Keyler Simões, produtor cultural, afirma, em entrevista, que “Os grupos alagoanos passam por um momento de crise de identidade” (Revista Graciliano ano VII/nº20/ 2014, P.99).

Há quem justifique o motivo pelo qual hoje os grupos não apresentarem no carnaval, que seria o fato de muitos membros da bateria estarem trabalhando em bandas carnavalescas nesse período, ganhando um dinheiro extra. Então, em assembleia, a data também foi alterada, entendida entre eles como fator relevante ao presenciar a arena lotada, não importando o momento anual. Contudo, Luiz de Barros, fundador do concurso dos Bois aqui em Maceió discorda:

A meu ver, a alegria do bumbameuboi se realiza na época do carnaval, na semana carnavalesca. Saindo daí já perde essa característica. Podem até ir muitos torcedores e espectadores, mas eu acharia melhor se fosse no carnaval (REVISTA GRACILIANO ANO VII, 2014, p. 100).

Aproveitando esse momento, questionei Feu, um dos fundadores da liga dos Bois e do Boi Águia, sobre sua opinião em relação às mudanças (tanto em relação ao concurso, quanto à aparência). Ele diz que

“A cultura tem que ser dinâmica, inovadora, pois é isso que move multidões e não a tradicional do guerreiro, pastoril, reisado, caboclinho, chegada. Não vou dizer a você que essa forma esta está morta, mais eu vejo uma parada, ela estacionou. Se você, por exemplo, botar um

grupo de guerreiro na praça se tiver cem pessoas é muito. E do outro lado tiver um telão com o filme a lagoa azul que nunca passou na televisão (risos) garanto a você que irá mais gente assistir ao filme ao invés do guerreiro ou do pastoril. Então você pega o concurso do Bumba meu boi numa arena que cabe 7.000 mil pessoas, onde no primeiro dia você reúne 9.000 mil, me faz acreditar que a cultura tem que realmente renovar. Você tem que acompanhar o tempo, por exemplo, a televisão o computador são a janela do mundo, se você não acompanhar a tecnologia ficará ultrapassado; repare um grupo de pastoril, se for a outro lugar e ver outro grupo será do mesmo jeito. No festival do boi é diferente, há criatividade, os caras são criativos a cada ano, assim também são as quadrilhas juninas, o coco de roda, esses grupos procuram fazer coisas diferentes isso sim é cultura contemporânea que atrai os jovens e o público para acompanhar o novo”.¹²

Dentro dessa perspectiva, essa nova geração procura definir um novo conceito de cultura em relação ao personagem do Boi, que se diferencia completamente do tradicional. Hoje, essa nova forma de cultura popular, segundo Lady Selma Ferreira Albernaz (2010),

São chamados parafolclóricos ou “alternativos” grupos de dança que se baseia nos passos, nas coreografias, nas indumentárias, nos personagens e nas lendas do bumba boi maranhense de todos os sotaques. O conjunto cênico elaborado por estes grupos mantém e, simultaneamente, modifica os elementos encontrados no bumba boi tradicional (ALBERNAZ, 2010, p.82).

Ao observar o concurso, em especial o grupo Águia durante a pesquisa de campo, certifico que ele também aderiu a essa nova estética. Com isto, todos os Bois tendem vir cada vez mais luxuosos, contando com grande investimento financeiro:

Os diferentes riscos dos “alternativos” para a comunidade dos grupos tradicionais são sintetizados como mudanças, exemplificadas: na indumentária padronizada, ou no excesso de brilho que imitaria o carnaval carioca e o boi de Parintins; na fusão musical desordenada;” no oportunismo” de alguns grupos não comprometidos com os valores da cultura popular, mas com as possibilidades de ganhos financeiros. Frente a elas, o bumbameuboi fica em permanente ameaça de perder autenticidade e tradição (ALBERNAZ, 2010, p.84-85).

Essa mudança pode ser a razão pela qual Glaydson, Feu e Zé do boi venham a concordar que as despesas em manter um Boi seriam a causa dos

¹² Informação obtida, por meio de entrevista verbal, cedida em 18/02/14 na sede do boi Águia durante o ensaio do grupo.

grupos estarem diminuindo cada vez mais. O fato é que, segundo os experientes, para um Boi fazer uma boa apresentação, esteticamente falando, é necessário gastar algo em torno de R\$ 6.000,00 e R\$ 15.000,00. Todas essas questões geram discussões e chegam a preocupar alguns pesquisadores, como o Professor e Antropólogo Bruno César Cavalcante do Instituto de Ciências Sociais – UFAL, em entrevista à revista Graciliano, em 2014. Ao ser questionado sobre a nova padronização, ele se preocupa com a perda da originalidade e as consequências que essa acarreta ao próprio boi:

Vejo o risco de se tornarem cativos de uma estrutura financeira externa as agremiações de bairro, o que acaba tendo consequências negativas para o futuro dessa manifestação... O nosso boi (falo do boi mesmo, de carcaça) é o maior e mais belo boi do Brasil, Barroco incrivelmente colorido, mais está se perdendo na dispersão de tantos elementos que lhe retiram essa centralidade, cenários excessivos, enredos de louvor personalista a figuras da sociedade, bailarinas que mais parecem saídas de um programa dominical de auditório de televisão e outras inovações (CAVALCANTI, 2014, p. 15).

Carmem Lúcia Dantas(2014) define esses novos tempos como “reflexo do dinamismo natural das manifestações populares” e enfatiza que essa mobilidade contribui para sua permanência, quando diz “Eu sou da corrente que aceita as modificações desde que elas sejam aceitas pelo povo. Esse concurso tem levado muita gente, tem torcida e uma disputa muito acirrada” (DANTAS, 2014 p. 100).

As transformações que acompanhei durante as atrações do concurso geram discussões que, a gosto popular, são justificadas pelo encanto que os Bois provocam nas pessoas, bastando olhá-las para perceber, mesmo chocando com os moldes da tradição. Penso que estes novos grupos não ficam preocupados com esse resgate, e que eles se preocupam em agradar a massa através dessa valorização estética que disseminou em todo lugar, baseado em altos custos e inspirados nos Bois maranhenses. O que mostra que os Bumba meu boi ou Bois de carnaval não querem ser vistos como ultrapassados, como declarou Mestre Vevéu na revista Graciliano (2014) “A gente não pode ficar pra trás né? Se tá todo mundo fazendo assim, quem vai querer ver um boi de chitão” (BARBOSA, 2014, p.99). Isso é fato: durante os dois dias de concurso, pude concluir isso. Mas o preço que eles pagam talvez fosse caro, quando se pensa na fala do Fernando, ao declarar que “a cultura deve ser dinâmica” (ver p. 47). No entanto, eles contribuem involuntariamente para a eliminação definitiva do

original Bumba meu boi, com todas essas adições de temas, danças, encenações nos festivais. Ainda entre eles mesmos há uma seleção natural de sobrevivência. Os novos grupos, quando não conseguem ajuda, como o Boi Águia, desativam as atividades por não terem condições de custear as apresentações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi fruto de uma pesquisa de campo: uma experiência nova e cheia de dúvidas, bem como uma lembrança forte que tive ao iniciar meu trabalho de conclusão de curso (TCC) que foi, à primeira visita, o meu objeto de pesquisa. O estranhamento que senti ao ultrapassar aquele portão diante de personagens totalmente fora dos padrões convencionais, ao conviver com aquele grupo e participando de algumas atividades foi, para mim, um grande desafio. Felizmente, foi conquistado ao ver cada componente cheio de informações e experiências a serem compartilhadas, me faziam lembrar das palavras da antropóloga Teresa Caldeira (1981), que dizia que “são dados, ou seja, a matéria bruta a ser trabalhada” (CALDEIRA, 1981, p. 351).

Com um olhar diferenciado, esse trabalho me faz enxergar os dilemas que envolvem a cultura do Bumba meu boi na figura do Boi Águia e, acompanhar todos os esforços de seus componentes, me fez ter por eles admiração por sua paixão na forma como cada um que eu entrevistei demonstrou ao falar e trabalhar pelo grupo. Conhecer o que existia por traz daqueles muros, numa sala apertada, durante os ensaios, a vibrante bateria que atraía dezenas de curiosos naquele local (mesmo sem recursos) me fez enxergar além do senso comum e refletir sobre a posição de órgãos como a mídia, que tem um papel social de informar, mas omitem os bastidores do mundo dos Bois de Maceió, reproduzindo todos os anos apenas o dia do concurso.

O Boi que hoje temos possui um grande rendimento humano, se devidamente trabalhado com o apoio do governo. A zona sul, durante o período que antecede o concurso, torna-se um celeiro produtivo de Bois. Eu pude

observar o quanto a comunidade pode fazer por esses jovens, que cresceram fascinados por esse personagem secular, mas por outras atividades também desenvolvidas dentro e fora do núcleo. A partir dessas experiências, eles migram para outros grupos. Os membros do Boi são os mesmos que tocam na escola de samba Girassol e na quadrilha Forró Baião, e é um mundo democrático, já que não existe limite de idade. Eles interagem em família, como no caso do menino Rian, que é acompanhado pelos pais, bem como as esposas dos membros que, além de decorar, costuram, dançam ou torcem.

Estar ali na sede do Boi Águia me fez sentir que aquele ambiente vai muito além de uma diversão: eles promovem valores, como trabalho coletivo, liderança, disciplina, fortalecem amizades e repassam para futuras gerações o que ontem lhe passaram. Eles contribuem na formação de cidadania, despercebidamente resgatam jovens que se sentem excluídos socialmente e, por um momento, lá dentro da arena, são vistos e respeitados como cidadãos, afastando-se do mundo das drogas, do tráfico e de crimes, como me falou o próprio Zé do boi (ver página 45). Talvez o poder público ainda não tenha se dado conta disso e, por enquanto, o Bumba meu boi seja observado apenas como elemento de competição no festival que ocorre anualmente.

Os participantes são pessoas simples que abriram mão, duas vezes por semana, de estarem longe de grupos de riscos. Isso só foi possível de ser percebido quando me dispus a ir ao encontro do meu objeto de pesquisa, procurando colher registros, fotografias, entrevistas e áudios, que foram construindo pouco a pouco esse trabalho inacabado, e que merece ser continuado por outros admiradores do assunto em questão.

A cultura do Boi tem um poder unificador: sendo seus participantes moradores da favela ou não, de qualquer raça, religião, sexo, orientação sexual; todos se respeitavam e trabalhavam em prol do Boi. Durante o período de carnaval, ao andar pelas ruas do bairro e ver crianças na sua inocência com latas, baldes, panelas e um pedaço de ripa que se transforma em baquetas, pude reviver as palavras dos que hoje estão à frente do Boi Águia, quando falavam que, desde muito cedo, eram fascinados pela brincadeira do Boi. Isso me leva a crer que estes, que vi brincando pelas ruas, serão os bateristas do Boi amanhã.

Por fim, espero ter contribuído, nem que seja em uma gota, para as Ciências Sociais. Encontrar em Théó Brandão (1962) as respostas que me

incomodavam foi de grande satisfação, bem como compartilhar de seus materiais deixados ao uso coletivo. Também foi em Abelardo Duarte (2010), com seus estudos sobre a influência dos engenhos, que levantou dados sobre a cultura negra, muito me ajudaram a entender os caminhos em que se encontraram e que transformaram Maceió nessa múltipla opção de crenças e costumes que sobreviveram até hoje. O que um dia foi visto como “um agregado de disparara-te” (apud CASCUDO, 1956), nas palavras do Padre Carapuceiro (apud CASCUDO, 1956), ganhou força através do seu bailado e tornou-se expressão popular. Essa abordagem estética merece um novo olhar diante da mudança do Bumba meu boi maceioense e convida os produtores de Boi, assim como este trabalho, a estabelecer uma releitura da criação, entretenimento e descaracterização do Boi.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. **Estética e Disputas em Torno do Bumba-meu-boi (São Luís, do Maranhão)**, Recife, v. 21, p.77-97, 2010.

BRANDÃO, Théo. Introdução. In: BRANDÃO, Théo. **Folguedos natalinos**. 2. ed. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais/ Conselho Federal de Cultura, 1973. Cap. 1. p. 11-29.

BRANDÃO, Théo. **Um auto popular brasileiro nas Alagoas**. Separata do: Boletim Nº 10 do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1962, Recife. Recife: Imprensa Oficial, 1963. 48p.

BEZZERRA, Janylle e COSTA, Pollyanne. **Sem estrutura, polícia comunitária não reduz violência em Maceió**. Disponível em: <<http://www.gazetaweb.globo.com/mobile/noticia.php?c=360595&e=3>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

BARBOSA, Rafael. Dança da vida. **Graciliano: carne de carnaval**, Maceió, n. 20, p.96-103, 2014.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**. 2000. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.p 09-38.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Uma Incursão Pelo Lado "Não- Respeitável" da Pesquisa de Campo**. Apresentação no IV Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Grupo de trabalho "Cultura Popular e Ideologia Política", Rio de Janeiro, 29 a 31 de Outubro de 1980.p.332-354.

CASCUDO, Luís da Câmara. Bumba-meu-boi. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1962. p. 143.

CASCUDO, Luís da Câmara. VIII - Bumba meu boi. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina: Documentário da vida rural**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1956. Cap. 8. p.50-52.

CAVALCANTI, Bruno César. Boi tarja preta? **Graciliano: brincadeira popular**, Maceió, n. 10, p.62-65, 2011.

CAVALCANTI, Bruno César. Entrevista: Muitos Carnavais. **Graciliano: carne de carnaval**, Maceió, n. 20, p.62-65, 2014.

CAVALCANTI, Bruno César, Rachel Rocha de Almeida (Orgs.). **Kulé-Kulé: Afroatitudes**. Maceió: EDUFAL, 2007.p.67.

DANTAS, Cármen Lúcia. Bumba-meu-boi: No rastro da lenda. **Alagoas Popular: Folguedos e danças de nossa gente**, Maceió, v. 00, n. 7, p.137-143, 12 nov. 2013. Semanal.

DUARTE, Abelardo. **Folclore Negro das Alagoas-Áreas da cana-de-açúcar pesquisa e interpretação**. Maceió: Edufal, 2010.

LONDRES, Cecília. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. **Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial**, Rio de Janeiro, n. 147, p.69-78, 2001.

MATTA, Roberto Da. O Ofício do Etnólogo ou como ter "antropological blues". In: SIMPÓSIO SOBRE TRABALHO-DE-CAMPO, 1., 1974, Brasília. **O Ofício do Etnólogo ou como ter "antropological blues"**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.p.23-35.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. In: ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 37-44.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O bumba-meu-boi, manifestação do teatro popular do Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 2, 1967 p.87-97.

RAMOS, Arthur. A Aculturação Negra no Brasil. In: RAMOS, Arthur. **A Aculturação Negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1942. p. 6-45. (5ª edição).

RAMOS, Arthur. **Folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Liv. Ed. da Casa do Estudante do Brasil, [1954]. Cap. IV p.95-97, Cap.III p.69.

ROCHA, José Maria Tenório. Boi de Carnaval. In: ROCHA, José Maria Tenório. **Folguedos Carnavalescos de Alagoas**. Maceió: Senec/mec, 1978. p. 123-126.

SALEM, Tania. **Entrevistando Famílias: Notas sobre o Trabalho de campo**. In:Edson de Oliveira Nunes: A aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 p.60.

VASCONCELOS, Ruth. **O poder e a cultura de violência em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2005.p.80-81.

VELHO, Gilberto. **Violência e conflitos nas grandes cidades contemporâneas**. Disponível em:

<www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel6/GilbertoVelho.pdf>. Acesso em:
04 de março de 2015.p.07.